

Teses do Comité Central do Partido Comunista da Grécia (KKE) ao XIX Congresso de 11-14 de Abril de 2013

PRÓLOGO

O PCG percorreu um longo caminho, desde 1918, quando se realizou o seu Congresso Fundacional sinal da maturação do movimento operário no nosso país ao fundir-se com a teoria do socialismo científico. A fundação do PCG foi acelerada pelo impacto da primeira revolução socialista da História, A Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, um acontecimento que confirma este período como a época da transição do capitalismo ao socialismo

O PCG é o digno genuíno e herdeiro das tradições nacionais, democráticas e revolucionárias do povo grego. Conseguiu, em difíceis condições, manter o seu carácter revolucionário, sem que alguma vez tivesse tido medo de reconhecer os seus erros e desvios, fazer uma autocrítica aberta perante o seu povo. A sua trajectória histórica justifica a necessidade da sua existência e acção na sociedade grega.

O PCG é a secção organizada, consciente e avançada da classe operária. Luta pelo derrube do capitalismo e a construção do socialismo-comunismo. É fiel ao princípio do internacionalismo proletário. Luta pela reunificação do Movimento Comunista Internacional depois do retrocesso e da crise que passou, sobretudo depois da vitória da contra-revolução em 1989-1991.

O sistema capitalista na Grécia, tal como nos restantes países, não vai colapsar por si mesmo, por causa das suas contradições. A grande intensificação das contradições sociais conduzirá a condições de uma situação revolucionária, a condições de uma grande agudização da luta de classes, ao mesmo tempo que através das lutas diárias terá amadurecido e emergido um todo-poderoso movimento operário em aliança com os sectores populares que sofrem. Nas condições da situação revolucionária, com a adequada escolha de palavras-de-ordem e de todas as formas de luta, o que se jogará é a vontade e a decisão do povo de romper e abolir as grilhetas da exploração de classe, da opressão, da implicação na guerra imperialista. Exige-se um movimento operário que não fique atolado nas enganadoras soluções alternativas do sistema político burguês para a organização do golpe contra o movimento, contra a radicalidade, a atitude e a vontade revolucionárias, com o fim de evitar ou contraria o máximo possível a sua queda.

O XIX Congresso elaborará as directrizes específicas para as tarefas políticas do Partido e da Juventude Comunista (JCG) que estarão em vigor até ao XX Congresso, na base do relatório de trabalho, dos desenvolvimentos e da avaliação das tendências.

A tarefa básica do Congresso é a elaboração do Programa do Partido contemporâneo, tendo em conta os acontecimentos e as exigências actuais e os seus Estatutos. Desde 1996, quando no XV Congresso se elaborou o Programa do Partido que está em vigor até hoje, houve muitas alterações económicas, novas tendências e alterações no sistema imperialista internacional, na UE, na posição da Grécia na região do sudeste do Mediterrâneo. O mesmo se pode dizer sobre os acontecimentos e os processos de reforma do sistema político na Grécia, cuja principal característica é a relativa desestabilização do sistema político burguês posterior à ditadura. Houve alterações importantes nas condições de trabalho e de vida dos trabalhadores por causa da crise económica e da estratégia do capital, o que resultou no crescimento generalizado do empobrecimento relativo e absoluto, no rápido aumento do desemprego, na questão da emigração, etc.. Desenvolveram-se importantes lutas, greves e outras mobilizações cujo impacto se fez sentir para além das fronteiras da Grécia.

Um elemento integral da reforma do sistema político burguês é a maior tendência para a reacção, a repressão e a violência estatal e patronal, a ofensiva anticomunista e anti-socialista que é um problema que diz respeito à grande maioria do povo. A ofensiva anticomunista procura alternativamente o seguinte: pressionar o PCG e concretizar a sua esperança de alterar o seu carácter, a sua transformação num membro da «esquerda do arco governamental», o seu isolamento, ou mesmo conseguir ilegalizar a sua actividade. Este assunto deve ser decisivamente abordado pelo povo para evitar consequências extremamente negativas para o movimento operário e popular. Por isso surgem novas tarefas para o movimento operário, a Aliança Popular, temas da maior importância estratégica.

O projecto de Programa incorpora as conclusões que se retiraram da construção do socialismo na URSS e nos países da construção socialista, as conclusões da trajectória do Movimento Comunista Internacional, aprovadas no XVIII Congresso, bem como as conclusões da Conferência Nacional sobre o «Ensaio da História do PCG, segundo volume (1949-1968)» que são de importância estratégica.

Em última instância, é o fruto de um longo processo colectivo que continuou depois do XV Congresso até aos dias de hoje, no meio de lutas e duros confrontos de classe. A experiência do Partido e do movimento operário e popular é um valioso e vivo material que foi utilizado, na medida do possível, na elaboração das Teses, do relatório de trabalho e do Projecto de Programa. O projecto de Programa baseia-se em elementos e avaliações que surgiram da longa investigação dos acontecimentos na Grécia e a nível internacional, do ponto de vista dos

interesses operários e populares, isto é, tendo como bússola com a teoria marxista-leninista, que constitui a ideologia do PCG.

No quadro do debate prévio ao Congresso, o Comité Central publica as Teses para o XIX Congresso do PCG que se divide em três partes na base da ordem de trabalhos do Congresso.

O primeiro ponto inclui um relatório sobre o trabalho do Partido desde o XVIII Congresso e a avaliação do Comité Central nele. Além disso, inclui em linhas gerais as tarefas políticas do Partido até ao XX Congresso.

O segundo ponto inclui o projecto de Programa do PCG. O Programa actual do Partido foi aprovado no XV Congresso (22-26 de Maio de 1996). O Programa foi enriquecido, actualizado com base nos acontecimentos da Grécia e do mundo no XVI Congresso (14-17 de Dezembro de 2000), no XVII Congresso (9-12 de Fevereiro de 2005) e no XVIII Congresso (18-22 de Fevereiro de 2009).

O terceiro ponto inclui o projecto de Estatutos, onde se acolheu a experiência mais antiga e a recente.

O Comité Central pede aos membros do Partido e da Juventude Comunista da Grécia (JCG) que estudem as Teses, contribuam para a sua melhoria com reflexões, propostas, recomendações, para que os documentos finais sejam fruto de um processo colectivo que consubstancie a rica experiência acumulada nos últimos anos.

O debate anterior ao Congresso inclui também a discussão das Teses com o objectivo de reunir opiniões e observações dos amigos e dos simpatizantes do Partido, de cada lutador que, independentemente dos seus pontos de vista particulares, entende que sem um PCG forte e com posições cientificamente elaboradas, não é possível a recuperação do movimento operário e popular nem a sua resistência às curvas e às viragens que se produzirão, nem é possível a defesa ante o bárbaro ataque do capital, nem muito menos a actividade agressiva do povo para a subversão social e política.

TESES DO COMITÉ CENTRAL DO PCG AO XIX CONGRESSO 11-14 ABRIL DE 2013

Desenvolvimentos e tendências do sistema imperialista internacional, na UE e na Grécia

1. O despoletar da crise económica capitalista generalizada e sincronizada colocou em primeiro plano o carácter historicamente antiquado e desumano do sistema capitalista contemporâneo, a actualidade e a necessidade do socialismo, a necessidade de reunificação

do Movimento Comunista Internacional, da emancipação do movimento operário e popular. Contribuíram para a agudização das desigualdades e das contradições inter-imperialistas a mudança da correlação de forças na pirâmide imperialista internacional, a fluidez das alianças e o rebentar de novos e antigos focos de guerra.

A crise capitalista deu um contundente golpe nas teorias burguesas sobre o desenvolvimento sustentável, por exemplo. Mostrou claramente a agudização das contradições e das dificuldades da gestão burguesa e, na generalidade, das dificuldades da transição para um novo ciclo de reprodução ampliada do capital social. Qualquer recuperação produzida foi desigual, débil, enquanto na zona euro e no Japão houve um novo retrocesso. O ciclo seguinte da crise a nível internacional será ainda mais profundo.

2. A política pró-monopolista actual, que é de carácter estratégico e aponta para o aumento da taxa de lucro (força de trabalho barata, reestruturas reaccionárias, privatizações etc.), começou no princípio da década de 1980 nos EUA e Grã-Bretanha, continuou a sua expansão para a UE, a zona euro e outros lugares. O seu carácter estratégico demonstra-se também pelo facto de nos últimos trinta anos tanto ter sido promovida pelas forças governamentais burguesas liberais como pelas forças social-democratas. É a única via para que o desenvolvimento capitalista trave a sua tendência para o decréscimo da taxa de lucro e se adapte às condições actuais, em que se intensifica continuamente a internacionalização da economia capitalista e do mercado de trabalho.

3. A UE e a zona euro estão a sofrer mais intensamente as pressões da concorrência internacional, ao mesmo tempo que as contradições internas se reforçam constantemente. A crise tem também um efeito refreador nos países que ainda têm um elevado índice de desenvolvimento capitalista.

Os objectivos comuns do grande capital – que determinam a formação da União Europeia como uma aliança entre Estado imperialistas – não cancelam o desenvolvimento desigual no seu interior nem a organização na base do Estado-nação em que a maior parte da acumulação capitalista se baseia.

O deflagrar da crise levou ainda a uma maior diminuição da participação dos EUA, da UE, e do Japão no Produto Mundial Bruto (PMB). Os EUA continuam a manter a 1ª posição, mas a sua participação no PMB reduziu-se de 22,23% em 2005 para 18,9% em 2012 (na base da paridade do poder aquisitivo). A zona euro já não detém a 2ª posição; a sua participação reduziu-se de 16,53% em 2005 para 13,73% em 2012 (a UE dos 27 países em conjunto tem uma quota igual à dos EUA).

É característico que no seu conjunto a quota das economias do grupo G7, isto é dos EUA, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Canadá e Japão que foram as economias desenvolvidas mais fortes, durante a crise caiu de 45,03% do produto mundial em 2005 para 37,75%, de acordo com as previsões para o ano de 2012, com a perspectiva de uma diminuição ainda maior nos próximos anos.

Em sentido contrário, aumenta constantemente a quota da China e da Índia no Produto Mundial Bruto enquanto as quotas dos demais países BRICS (Brasil, Rússia Índia, China e África do Sul) se mantêm estáveis. Fortalece-se o papel internacional do Brasil devido ao tamanho do país e à taxa de desenvolvimento capitalista e, por conseguinte, o papel que desempenha na América Latina.

No entanto, as economias capitalistas emergentes continuam com um nível de produtividade relativamente baixo, enquanto a produtividade dos EUA as supera largamente. Os únicos países membros da OCDE que estão à frente dos Estados Unidos na produtividade (volume de produção por trabalhador numa dada unidade de tempo) são a Noruega, a Irlanda, Luxemburgo, enquanto a Alemanha, a França, a Bélgica e os Países baixos estão perto.

4. Na base de um conjunto de indicadores básicos (taxa de crescimento do PIB, produção industrial, produtividade, balança de conta-corrente, situação fiscal) podem actualmente distinguir-se três categorias no interior da zona euro: A categoria forte (Alemanha, Países Baixos, Finlândia) a categoria França-Itália, cuja distância da Alemanha está a aumentar, e a categoria das economias endividadas mais débeis (Espanha, Portugal, Irlanda, Grécia, etc.).

O compromisso temporal nas Cimeiras levou à criação de um mecanismo comum de supervisão do sector financeiro dos Estados Membros e à possibilidade de uma recapitalização directa dos bancos europeus pelo Mecanismo Europeu de Estabilidade.

Por isso, a burguesia da Alemanha e da França enfrentam graves dilemas quanto ao futuro da zona euro. Nas Cimeiras de 2011 e 2012 conseguiu-se um consenso temporal, frágil, que não nega as causas da agudização das contradições inter-imperialistas nem o abrandamento da política antipopular seguida por todos os Estados membros da União Europeia.

A tendência dominante da burguesia alemã dá prioridade ao fortalecimento do euro e da estabilidade monetária, e questiona o objectivo e a capacidade da Alemanha em assumir grande parte da responsabilidade pela depreciação do capital nos países endividados. Uma segunda tendência, que está em crescimento, assinala o perigo da força euro e a estabilidade das relações euro-atlânticas, no caso de expulsão de alguns elos mais débeis, um desenvolvimento que dará lugar à redução do mercado interno unificado da União Europeia.

Uma terceira tendência questiona em geral a forma actual da zona euro e dá prioridade à aproximação ao eixo China-Rússia.

O rebotar de uma nova crise económica na zona euro em 2012 e as condições que estas se desenvolvem no mercado internacional mostra que a classe operária em todos os Estados membros da União Europeia estará numa condição adversa, e sujeita a sacrifícios contínuos para proteger os monopólios. Objectivamente, sectores crescentes da classe operária opor-se-ão às soluções da gestão burguesa que tenta controlar o grau de desvalorização do capital e a distribuição das perdas entre as suas diferentes secções.

A posição da Grécia no sistema imperialista

5. Num quadro de desenvolvimento desigual, a Grécia mantém uma posição intermédia na pirâmide imperialista internacional com elementos de retrocesso e com dependências dos EUA e da União Europeia.

A Grécia é o elo mais débil da zona euro, continua numa crise profunda, com um atraso na produção industrial, um balanço negativo das contas-correntes e uma elevada dívida pública.

A distância da Grécia às economias capitalistas da zona euro ampliou-se. No caso de recomposição da União Europeia, a Grécia está entre os elos mais fracos. Ainda que a posição da Grécia na região do Mediterrâneo Oriental continue a ser importante, é cada vez mais débil em comparação com a Turquia e Israel.

Na última década registaram-se perdas quanto à sua posição na concorrência capitalista, uma grande redução da produção, principalmente na indústria manufactureira e na construção e, em menor medida, na produção agrícola, enquanto o sector da marinha mercante mantém o seu papel protagonista no mercado capitalista internacional (a frota de propriedade grega mantém a 2ª posição a nível mundial e a 1ª na UE, enquanto a frota sob bandeira grega mantém a 6ª posição no mundo). A frota grega fazia e continua a fazer grande parte dos transportes marítimos de mercadorias e petróleo para os EUA. É a única secção do capital nacional que tem uma forte posição negociadora dentro da União Europeia.

As verdadeiras razões quanto à posição que a Grécia mantém encontram-se nas consequências multifacetadas do desenvolvimento desigual, como resultado também do curso de incorporação da União Europeia e da zona euro, no sistema capitalista internacional em geral. A crise económica capitalista agravou mais esta situação.

6. O conflito entre os centros imperialistas, neste período particular, centra-se no controlo dos recursos energéticos e das rotas de transporte, de recursos hídricos, das rotas marítimas para o transporte de mercadorias, com focos de tensão característicos no Mar Cáspio, Médio Oriente, Golfo Pérsico, África, Mar do Sul da China e Ártico. Aumenta o perigo de conflitos regionais generalizados, inclusive de uma guerra imperialista generalizada. Neste quadro reordenam-se os eixos imperialistas pelo controlo dos mercados e dos territórios.

7. A estratégia do capitalismo grego na região resultou do carácter contraditório das relações de concorrência com a Turquia, assim como da opção de uma cooperação estratégica com Israel (cooperação militar, cooperação económica, sobretudo nos sectores de energia, do turismo e agricultura) enquanto procura uma solução para o estabelecimento dos direitos soberanos no quadro da NATO. Não declarou a Zona Económica Exclusiva (ZEE) grega, de acordo com a Convenção Internacional sobre o Direito do Mar, que é o primeiro passo para a sua delimitação, um tema que foi objecto de críticas, mesmo do ponto de vista burguês. Ao mesmo tempo, promove explorações de jazidas energéticas nas ilhas jónicas e no sul de Creta.

8. A melhoria da posição da Turquia está de acordo com a geoestratégia do «Neo-otomanismo», que tem como objectivo consolidar e ampliar a actividade do capitalismo turco em toda a região do Médio Oriente, das Balcãs à Ásia Central. A estratégia turca predominante, para lá da tradição histórica otomana, utiliza na região o elemento cultural e religioso.

O Estado turco pretende utilizar em seu próprio benefício as contradições inter-imperialistas entre o eixo euro-atlântico e o eixo Rússia-China-Irão no Mediterrâneo Oriental, assim como as contradições existentes dentro de cada eixo (por exemplo entre os EUA e Israel). Está a proceder a uma complexa negociação com os EUA e Israel apontando basicamente para a manutenção da forte presença em Chipre, a renegociação dos direitos soberanos no Mar Egeu (com ênfases na superação do «obstáculo» que significam as ilhas Kastelorizo e Strongili para determinar a ZEE da Turquia no Mediterrâneo Oriental) e a prevenção da criação de um Curdistão independente no eixo do Iraque do norte e Síria, que desestabilizaria as fronteiras turcas. Neste sentido está a utilizar a significativa importância da sua posição geopolítica e a força militar para promoção dos planos dos EUA e da NATO na construção do «Novo Médio Oriente». Tudo isto é demonstrado pela participação da Turquia na intervenção contra a Líbia e nos assuntos internos da Síria, bem como a sua influência nas Balcãs (relações privilegiadas com a Albânia, Antiga República Democrática da Macedónia, etc.). No entanto, a população curda, a agressiva política da Turquia contra a Síria e o seu aliado Irão são um factor de agudização das contradições internas da Turquia.

Os acontecimentos na região das Balcãs caracterizam-se pelo alargamento da União Europeia e da NATO e, portanto, pela sua participação mais directa nos planos e nos antagonismos inter-imperialistas. Neste quadro se inclui a independência do Kosovo que fez parte do plano

desmembramento da Jugoslávia em 1999, o acordo militar da Turquia com a Albânia, o cancelamento do tratado entre a Grécia e a Albânia para a delimitação das águas nacionais pelo tribunal constitucional da Albânia, o fortalecimento da intervenção dos EUA e da NATO para a vinculação e incorporação da Antiga República Democrática da Macedónia na União Europeia e na NATO. O expansionismo promovido pela liderança da Albânia é avivado pelas potências imperialistas. Está a fortalecer-se o nacionalismo albanês à custa da Grécia e dos Estados da região, ao mesmo tempo que se alentam os círculos nacionalistas na Grécia e noutros lugares.

Aumentam os perigos de uma guerra imperialista generalizada na região e uma participação directa da Grécia.

A crise económica na Grécia

9. A partir de 2009 manifestou-se na economia grega a mais profunda e mais longa crise de sobre-acumulação de capital desde a década de 1950. Logo no primeiro momento os partidos burgueses e as forças reformistas e oportunistas de desinformação fizeram um esforço sistemático de ocultação das verdadeiras causas e factores da crise. O seu objectivo era impedir nem que fosse um pequeno passo para a emancipação do movimento operário e popular. Promoveram-se teorias sobre o «capitalismo de casino», de que a crise se deve exclusivamente ao sistema financeiro, ao «sobre-consumo» ou inclusive ao seu contrário, o «subconsumo», este último depois do Memorando de 2010.

A crise na Grécia agravou-se por causa da sua integração na União Europeia e na zona euro, o que agudizou as desigualdades profundas no desenvolvimento/estrutura dos sectores industriais e contribuiu para a perda de competitividade das manufacturas gregas, o aumento das importações, o aumento do deficit comercial e da dívida pública.

10. O aumento da dívida pública deve-se:

- À política de gestão a favor dos grupos monopolistas seguida no período imediato à ditadura dos coronéis, através do seu financiamento, da redução de impostos, da isenção tributária, do financiamento das obras para os Jogos Olímpicos de 2004.
- Ao enorme financiamento de programas armamentistas e missões para as necessidades da NATO.
- Às consequências do aumento do *deficit* comercial devido ao rápido aumento das importações procedentes da União Europeia.
- Ao círculo vicioso entre a redução do PIB e o crescimento da dívida percentualmente ao PIB e às medidas de desvalorização interna.
- A adesão da Grécia à zona euro, objectivamente, reduziu ao mínimo as margens e as opções de manobra na política monetária, já que está sujeita à jurisdição do Banco Central

Europeu (BCE). Ao mesmo tempo, a política fiscal da Grécia está sujeita às restrições do Tratado de Maastricht e aos Acordos posteriores. Nesta base cedem-se direitos nacionais estatais, reconhece-se a primazia do Direito da União Europeia sobre o Direito nacional em vários assuntos. No entanto, a zona euro não é um Estado Federal, portanto não tem nem instituições conjuntas nem um mercado plenamente unificado.

11. Com a crise, por um lado aprofundou-se a desigualdade na zona euro, e por outro agudizaram-se as contradições entre os Estados membros sobre a gestão da crise, o controlo da dívida pública e, inclusive, as condições prévias para a manutenção da moeda comum. Tais contradições manifestaram-se também no interior das principais potências da zona euro, Alemanha e França. Nestas contradições participou activamente o FMI, assim como os Estados fora da zona euro, como a Grã-Bretanha e os EUA.

A Grécia, como o país da zona euro onde a crise primeiro se manifestou intensamente, converteu-se num ponto de referência de todas estas potências e das contradições entre elas.

12. O capitalismo grego, procurando melhorar a sua posição na UE, na região e na pirâmide imperialista em geral, tem como objectivos estratégicos: a promoção da Grécia como nó do transporte de energia e de mercadorias da Ásia para a União Europeia, a exploração conjunta dos recursos energéticos ricos (Mar Egeu, Mar Jónico, Sul de Creta), o fortalecimento da competitividade do grande capital e da posição negociadora da Grécia na aliança euro-atlântica imperialista. Além disso, destaca o objectivo de desenvolver certos sectores e ramos como o turismo, a produção de certos produtos agrícolas, alguns sectores da indústria orientados para a exportação.

Nestes objectivos estratégicos convergem ainda outros partidos políticos que apoiam a via capitalista de desenvolvimento.

Tendências básicas na composição social e na estrutura do emprego e na estrutura da economia

13. Durante a última década, o emprego total diminuiu de 4,09 milhões em 2001 para 3,7 milhões de trabalhadores em 2012, sendo que houve um aumento do seu número até ao ano de 2008, antes do rebentar da crise.

O número total dos trabalhadores no sector primário (agrícola) diminuiu de 16,1% em 2001 para 13% em 2012. Houve uma diminuição importante no sector industrial (secundário) de 23% em 2001 para 16,1% em 2012. Em contrapartida, registou-se um aumento do emprego no sector terciário de 60,9% do total dos empregados em 2001 para 70,4% em 2012.

O número de assalariados em 2012 foi aproximadamente equivalente ao número de assalariados em 2001, 2,4 milhões, mas esta equivalência esconde um aumento significativo no número de assalariados antes do rebentar da crise, seguida de uma redução rápida. Como percentagem do total de trabalhadores representavam 59,4% em 2001 e 63,3% em 2012. Antes do rebentar da crise a taxa de crescimento foi maior.

O número de trabalhadores independentes como percentagem do total parece ter um ligeiro aumento de 23,6% em 2001 para 24,3% em 2012, no entanto, a quantidade em números, com pequenas flutuações mantém-se relativamente estável nos 950.000. No entanto, o aparente aumento esconde um nível de subemprego que se aproxima do desemprego.

Verificou-se uma importante tendência quanto à redução dos independentes e dos assalariados na indústria manufactureira e na construção. Em contrapartida, registou-se um aumento nos sectores do turismo-restauração, telecomunicações, sector financeiro e nos serviços científicos e técnicos.

O número de independentes na indústria manufactureira reduziu-se de 577.000 em 2001 para 367.000 em 2012. O número de assalariados na indústria manufactureira tem uma pequena redução de 73,8% em 2001 para 72,2% em 2012. Contrariamente, a percentagem dos independentes aumentou de 11,5% em 2001 para 14,1% em 2012.

Na construção o número de trabalhadores reduziu-se muito, de 307.000 em 2001 para 216.000 em 2012, ao passo que o número dos assalariados reduziu-se de 203.000 para 128.000 no mesmo período. A percentagem de mão-de-obra assalariada reduziu-se significativamente de 66% em 2001 para 59% em 2012, ao mesmo tempo que aumentava a percentagem de trabalhadores independentes de 18,1% para 27%, com um ligeiro aumento de 56.000 para 58.000.

No sector retalhista, o número de trabalhadores teve uma pequena redução, quase imperceptível, de 705.000 em 2001 para 687.000 em 2012 (-2,5%), ao passo que o número de assalariados neste período teve um importante aumento de 345.000 para 383.000, com a sua percentagem a aumentar de 49% em 2001 para 56% em 2012. O número de trabalhadores por conta própria reduziu-se significativamente de 213.000 em 2001 para 190.000, com a sua queda na participação de 30,2% em 2001 para 27,7% em 2012. O sector retalhista ainda tem um elevado número de trabalhadores independentes, mas a tendência de concentração-centralização e a proletarização neste sector são evidentes.

No sector do turismo e restauração, devido à intensa natureza sazonal, mencionam-se os dados do período 2001-2011, onde existe a possibilidade de deduzir uma média anual. O número de empregados neste sector aumentou de 269.000 para 295.000 em 2011 e o número

dos assalariados aumentou de 156.000 para 170.000 em 2011. O número dos assalariados manteve-se praticamente estável nos 58%. O número dos trabalhadores independentes aumentou ligeiramente de 48.000 para 50.000 com a sua percentagem a cair de 17,8% para 16,9% em 2011.

No sector financeiro, o número dos trabalhadores aumentou de 108.000 em 2001 para 121.000 em 2012. O número dos assalariados aumentou ligeiramente de 96.000 em 2001 para 2007 em 2012. O sector tem uma elevada percentagem de mão-de-obra assalariada, aproximadamente 90%, número que se manteve praticamente estável de 2001 a 2012.

No sector de serviços técnico-científicos trabalham 221.000 trabalhadores, dos quais 85.000 (39%) são assalariados, 103.000 (47%) são trabalhadores independentes e 30.000 (13%) são empregados. Na base dos dados disponíveis só podemos avaliar um aumento de 30% no sector durante a última década.

O desemprego oficial, neste período, aumentou consideravelmente de 11,2% em 2001 para 25,4% em 2012, mas não como uma tendência uniforme. O rebentar da crise levou a uma inversão repentina da tendência até 2008. A taxa de desemprego não é homogénea em toda a população. Entre as mulheres a taxa de desemprego reduziu-se de 16,9% em 2001 para 12,3% em 2008. E em 2012 aumentou para 29%. Entre os homens reduziu-se de 7,5% em 2001 para 5,6% em 2008 e aumentou para 22,7% em 2012. Entre os estrangeiros, a taxa de desemprego reduziu de 11,7% em 2001 para 7,4% em 2008 e depois, em 2012 aumentou para 30%. Na base destas estatísticas, 180.000 dos 1,27 milhões de desempregados em 2012 são estrangeiros.

Quanto ao nível educativo, entre licenciados a taxa de desemprego é de 16,2%, entre os bacharéis de 26%, entre os que completaram a Escola Secundária 26%, entre os que completaram a Escola Primária 22%, enquanto atinge os 33% entre as pessoas que não completaram a Escola Primária. De acordo com a idade, os jovens menores de 24 anos têm uma taxa de desemprego de quase 60%, enquanto nas pessoas com idade entre os 25-34 chegou aos 32,9%. A taxa de desemprego superou os 20% nas pessoas com idade 35-44.

A consequência da explosão do desemprego aumentou significativamente a taxa dos adultos em cujas famílias não há nenhum trabalhador de 8,1% em 2008 para 16,5% em 2012, enquanto se estima que nas famílias de 12,6% dos menores de idade não há ninguém empregado. Em relação às variações regionais, em Epirus e Macedónia Oriental a taxa de desemprego está em 28,5% e em Tessália e Sterea Elada em 26,5% enquanto nas periferias com menor taxa de desemprego esta aproxima-se dos 20% (Creta 19,6% e Mar Egeu 20%). Em Ática a taxa de desemprego é de 25,9%.

Durante o período 2008-2011 aumentou muito o desemprego de longa duração (os que procuram trabalho há mais de um ano). Entre 2008 e o segundo trimestre de 2012 aumentou de 3,2% para 11,7% nos homens, e de 7,9% para 16,9% nas mulheres. O número de desempregados de longa duração supera os 680.000 trabalhadores.

Segunda dados do Eurostat, em 2011 havia 956.007 imigrantes registados oficialmente, isto é, 8,45% dos 11.309.885 habitantes da Grécia, mais elevada que a média da UE, que no mesmo ano era 6,63%. A diferença qualitativa em relação à UE é que na Grécia só 16% dos imigrantes são cidadãos da União Europeia, enquanto a média dos emigrantes na União Europeia oriunda dos seus países membros era de 38,5%. O número actual dos imigrantes alterou-se já que houve uma nova onda de milhares de imigrantes, sobretudo porque a Grécia é considerada como porta de entrada para os imigrantes que se dirigem para outros países europeus. Alguns deles foram repatriados devido ao desemprego e à impossibilidade de viver na Grécia, em consequência da crise económica.

Quando os governos burgueses, tal como a Grécia, não podem manejar o exército de reserva nas condições da crise económica e do rápido aumento do desemprego, então, como representantes colectivos dos capitalistas recorrem à ofensiva para restringir e acabar com a imigração, fecham a porta de entrada e utilizam medidas persecutórias massivas e deportações. A política contra os imigrantes reforça a atmosfera racista através da violência e da repressão.

A população imigrante é um terreno fértil para o desenvolvimento da actividade dos serviços secretos e das embaixadas, algo que também ocorreu no passado entre os chamados emigrados. Ao mesmo tempo aumenta significativamente a criminalidade dos imigrantes que são empurrados para o cometimento de crimes pequenos e também dos que estão implicados em redes criminais organizadas.

14. Em relação à estrutura da economia, o sector agrícola-primário teve uma produção total de 8,6 mil milhões de euros (Valor Acrescentado Bruto) em 2001, mas reduziu-se para 6,5 mil milhões em 2008 (a produção tinha-se mantido estável até 2005 e depois reduziu-se significativamente), enquanto no período da crise se manteve estável. A taxa percentual reduziu-se de 5,8% em 2011 para 3,5% em 2008, e cresceu para 4,1% (devido à queda do PIB e não ao pequeno aumento em números). Apesar da importante redução, a produção aumentou nalguns produtos durante aquele período (por exemplo em trigo duro, milho e arroz).

A produção de produtos pecuários em comparação com 1981 (data da adesão à CEE) registou uma queda significativa da carne, uma estagnação generalizada da produção leiteira (com um aumento dos produtos lácteos frescos), uma redução na produção de manteiga. Na produção

pecuária observa-se uma concentração significativa, apesar de ainda haver um grande número de explorações com uma quantidade muito limitada de gado.

No sector agrícola a superfície média de cultivo continua até hoje a ser muito pequena (25% da média da UE). As culturas agrícolas com margem bruta standard (MBS) mais de 48.000 euros em 2007 constituíam 12,9% dos terrenos agrícolas em comparação com os 3,94% em 1990. Consideramos que uma exploração com um MBS inferior a 48.000 euros não assegura uma reprodução ampliada do seu capital.

No sector secundário industrial a percentagem do Valor Acrescentado Bruto reduziu-se de 21,1% em 2001 para 17,1% em 2011. A produção em 2011 representou 70% do nível alcançado em 2001. Ao mesmo tempo houve uma redução significativa das manufacturas e da construção.

No sector terciário a percentagem do Valor Acrescentado Bruto aumentou de 75,2% em 2001 para 78,8% em 2011. As estatísticas burguesas incluem neste sector o da indústria naval, cujo Valor Acrescentado Bruto se estima tenha aumentado de 4,1 mil milhões de euros em 2001 para 7,8 mil milhões de euros em 2011 e o sector industrial das telecomunicações, cujo Valor Acrescentado Bruto aumentou de 3,1 mil milhões de euros em 2001 a 6,2 mil milhões de euros em 2010.

Os acontecimentos políticos, a correlação de forças no sistema político, os processos para a sua reforma

15. A maior debilidade no exercício do poder capitalista manifestou-se através da participação irregular do Estado no mercado internacional de capitais, devido ao aumento da dívida pública e à repentina subida dos juros no mercado. Assim, manifestou-se a incapacidade de pagar o empréstimo ou de o renovar através do mercado, o que levou à solicitação do empréstimo pelo mecanismo do FMI e da União Europeia.

No entanto, estas disfunções não assumiram as características de uma verdadeira instabilidade das instituições do sistema capitalista na Grécia, nem sequer se expressaram como uma dificuldade de apoiar no parlamento burguês os governos que trouxeram ao Parlamento os bárbaros acordos-memorandos e as leis anti laborais. Mas não surgiram as condições de instabilidade manifesta dos mecanismos estatais, ainda se não verificou o debilitamento e a alteração das alianças internacionais do poder capitalista na Grécia. A correlação continua favorável às forças do capitalismo à custa da classe operária.

16. O sistema político burguês, que está posto à prova com as condições provocadas pela crise e como tendência geral, independentemente da própria crise, vê-se reforçado pelos novos

aparelhos de repressão, estatais e paraestatais, como a adopção de leis mais reaccionárias e autoritárias para dissolver o movimento operário e popular.

Os mecanismos europeus de repressão e a consolidação institucional das intervenções imperialistas estão ao serviço da repressão e da violência estatal. Neste sentido está a fortalecer-se o funcionamento e o papel dos aparelhos de repressão, do serviço europeu de Polícia (Europol), da agência europeia de cooperação judicial (Eurojust), da agência europeia para a gestão da cooperação operativa nas fronteiras exteriores dos Estados membros da União Europeia (Frontex). Reforça-se a conexão entre o «mecanismo de protecção civil» e a «cláusula de defesa mútua e de solidariedade», reforça-se o carácter reaccionário e agressivo da União Europeia, ao mesmo tempo que se verificam as intervenções militares nos seus Estados membros sob o pretexto do «terrorismo», da «destruição dos recursos naturais e humanos», dos «ataques cibernéticos», etc., tudo para atacar o movimento operário e proteger o sistema político burguês. Intensifica-se o ataque antipopular através de acções contra a «radicalismo» e as «ideologias extremistas», a pretexto do «terrorismo». Criminaliza-se a ideologia e a actividade política que leva para fora dos limites do sistema capitalista, intensifica-se o anticomunismo dirigido em diferentes direcções de manipulação. Multiplicam-se os mecanismos de vigilância e de recompilação de dados contra os lutadores radicais com a ajuda de nova tecnologia, ao pé do qual o método tradicional de fichar é insignificante comparado com as formas contemporâneas.

O desenvolvimento da crise económica actual criou fendas No sistema político burguês actual, alguma disfunção nos mecanismos do Estado capitalista e nos serviços, como por exemplo nas repartições de finanças e nos hospitais públicos, ao mesmo tempo que se degradou a situação dos fundos de segurança social e da escola pública. Isto é, na realidade debilitaram-se os meios através dos quais o Estado assegurava o seu controlo sobre as massas operárias e populares, através da sua participação directa na reprodução da força de trabalho.

A governação burguesa foi adaptada a uma nova forma, a da cooperação dos partidos burgueses – apesar das suas contradições – que andam há anos a alternar no governo (governo de L. Papadimos apoiado pelo PASOK-ND e inicialmente por LAOS, governo de A. Samaras apoiado por ND-PASOK-DIMAR depois das eleições de 17 de Junho de 2012). Está em curso a reforma do sistema político burguês, a qual inclui a restauração da social-democracia contemporânea, expressa pela subida repentina do SYRIZA, que conta com o apoio de um grande número de quadros do aparelho do PASOK e recolhe a maior parte das suas perdas.

17. As contradições políticas entre os partidos que apoiam a política pró-monopolista de gestão da crise manifestam-se como contradições entre a fórmula liberal e a reformista-oportunista. Ambas as fórmulas de gestão têm a característica comum de servirem os monopólios, a

recuperação da rentabilidade capitalista que, objectivamente, dará lugar a um novo ciclo da crise. A alternância verificada entre os modelos de gestão liberal e *keynesiano* provocaram ao longo do século XX ciclos de crises económicas, intensificaram as confrontações inter-burguesas e inter-imperialistas e conduziram a duas guerras mundiais. Na base da alternância como fórmula de gestão, promove-se a reforma do sistema político burguês, de modo a poder oferecer mais combinações governativas alternantes, através da cooperação dos partidos.

18. Uma característica da reforma do sistema político burguês é a intensificação do anticomunismo estatal e o crescimento da representação parlamentar do nacional-socialismo/fascismo, a intensificação do autoritarismo e da repressão estatal e paraestatal. Ao mesmo tempo, está a ser preparada a reforma do funcionamento do parlamento burguês, ao mesmo tempo que se favorecem propostas de fortalecimento dos poderes do Presidente da República.

Durante os últimos anos, particularmente durante as duas batalhas eleitorais, surgiram no panorama político de uma maneira diferente novos partidos políticos que se situam no espectro do nacionalismo, do racismo, do anticomunismo. O partido Gregos Independentes também adopta posições nacionalistas.

O Aurora Dourada é uma organização nacional-socialista, nazi e fascista. O nacional-socialismo, ideologicamente, é a fusão do nacionalismo com concepções «socialistas» pequeno-burguesas, que nada têm a ver com a teoria do socialismo científico. Utiliza os problemas existentes causados pelo aumento da imigração na Grécia, quando a maioria dos imigrantes vêm para a Grécia com o objectivo de passar para a Europa. O Aurora Dourada é apoiado por importantes estratos estatais e paraestatais e o seu papel é o de atacar o PCG e o movimento operário.

Trata-se de uma secção e um partido do sistema político burguês; é uma organização da burguesia, do capital. É um veículo para a infiltração de ideias reaccionárias nos sectores operário e popular, envolvido numa acção supostamente contra a plutocracia e a demagogia em condições de crise. Utiliza a demagogia fascista e imita ou traz-nos à memória as posições e as práticas das secções de assalto, especialmente no período anterior à ascensão de Hitler ao poder. Dá prioridade à promoção da nação grega como superior às outras com a posição característica que «o sangue grego está acima de tudo». Considera que os imigrantes, os de «pele escura», «os negros», os ciganos são o inimigo da raça, tal como Hitler considerava os judeus, etc..

Desenvolvem-se processos para que surjam mais formações nacionalistas, com a transferência de forças entre elas.

A classe operária e os seus aliados sociais, os trabalhadores independentes, os camponeses, as organizações radicais de mulheres e de jovens devem enfrentar o Aurora Dourada nos locais de trabalho, nos bairros, nas zonas rurais.

19. Um elemento da adaptação do Estado burguês e do sistema político burguês à necessidade do capital de embaratecer a força de trabalho e fortalecer a liberalização dos mercados são as mudanças na instituição da Administração Local com a Lei «Kallikratis», que foi a continuação da primeira lei, a «Kapodistrias», e de outras mudanças institucionais que a precederam.

«Kallikratis», dois anos depois da sua implementação, confirmou a posição do PCG que era uma adaptação necessária do Estado capitalista grego às actuais condições de desenvolvimento capitalista. Está a processar-se uma descentralização de funções e tarefas do Estado para a Administração local com o objectivo de implementar e ampliar directamente a política pró-monopolista de uma forma mais ampla e intensiva. A Administração local é parte integrante do Estado capitalista para a promoção da actividade empresarial e da competitividade, o corte drástico das despesas sociais do Estado em matéria de saúde, bem-estar, educação, agricultura, pecuária, transportes públicos, em combinação com o aumento dos impostos locais à custa do povo trabalhador. Através da «Kallikratis» promove-se o regime da mão-de-obra barata e flexível, a eliminação dos direitos laborais. Além disso, promove-se a adaptação da educação às necessidades das empresas locais através de «zonas flexíveis», da entrada de empresários como patrocinadores das escolas através dos municípios. Promove-se uma certa «educação permanente» que tem como objectivo ensinar aos trabalhadores o que as empresas precisam.

Em cada município, cada bairro, cada povoado e cidade várias forças políticas começam a agir, e são muitos os dirigentes de partidos novos e antigos relacionados com presidentes de Câmara e perfeitos regionais, chefes de empresa, de escolas e de hospitais, com a Igreja, com organizações do capital, Organizações Não Governamentais (ONG's). As ONG's são uma complexa rede de manipulação e exploração, apoiada e promovida pelo Estado, pelos grupos empresariais e a União Europeia como uma forma contemporânea de organização social e solidariedade. Promove a esperança de encontrar trabalho ao mesmo tempo que combate o movimento operário e popular organizado.

RELATÓRIO DA ACTIVIDADE DO PARTIDO DESDE O XVIII CONGRESSO ATÉ AO XIX CONGRESSO

20. Neste período o PCG participou nas condições nacionais e internacionais socioeconómicas específicas que se formaram e mencionam nas teses anteriores.

O PCG e o seu papel no desenvolvimento do movimento operário e da Aliança Social

21. A classe operária, isto é a classe que vai levar a cabo a revolução socialista, e os seus aliados, os sectores populares, isto é os semiproletários e os sectores médios pobres – tendo em conta as condições actuais – sofreram uma baixa do seu nível de vida sem precedentes, a eliminação de direitos laborais e sociais, devido á estratégia do capital e à derrocada contra-revolucionária levada a cabo entre 1980-1990.

Depois da queda da ditadura dos coronéis e sobretudo nos primeiros anos da década de 1980, o Estado capitalista grego seguiu uma linha política selectiva proporcionando maiores lucros a vários sectores e ramos, criando um grande escudo protector da política dominante. Converteu-se no pilar de apoio das decisões mais reaccionárias e anti laborais do capital na Grécia, como foi o caso do apoio ao mercado único europeu, a adesão à União Europeia e à UEM, e desenvolveu uma aristocracia operária. Durante alguns anos o capitalismo grego beneficiou da grande destruição das Balcãs, nos países do Mar Negro, devido à restauração capitalista ali ocorrida. Além disso beneficiou da exportação directa de capital e da entrada de mão-de-obra barata, sobretudo com trabalhadores rurais e da construção, com pessoal auxiliar dos hospitais, dos serviços, das manufacturas, tudo através de agências de emprego.

A miséria absoluta prolongada na Grécia, tal como noutros Estados capitalistas, manifestou-se depois de um longo período de suborno e assimilação, que teve como resultado o retrocesso e a desorganização gradual do movimento operário e sindical, a perda das suas características de massas, a conformação com a degeneração nos mais altos níveis da sua estrutura, e a tolerância mostrada pelos membros dos sindicatos em relação aos seus dirigentes que estão a favor do governo, dos patrões e da União Europeia.

22.O movimento sindical e cooperativo dos camponeses foi subjugado e desvirtuado pela Política Agrícola Comum (PAC), os subsídios de suborno dos agricultores que, na essência, levaram ao abandono da produção agrícola, à substituição das culturas vitais por culturas secundárias e complementares, à utilização de associações cooperativas para a concentração de capital. As consequências negativas manifestadas já desde meados dos anos 1990 deram lugar ao desprezo pelos dirigentes do movimento camponês (GESASE, SYDASE) e ao aparecimento de lutas camponesas com outros centros de organização. Promove-se a União Nacional de camponeses Jovens (PENA) dividindo os camponeses na base da idade, fomentando o espírito empresarial e a competitividade no sector agrícola, quer dizer, a PAC da União Europeia.

A situação é ainda pior no movimento dos trabalhadores independentes. Nas associações de terceiro grau (GSEBEE, ESEE) e na maior parte das Federações predominam as forças sindicais que expressam os interesses de um sector das camadas médias que pretendem jogar

o papel de satélite na sua relação com os monopólios. Utilizam os Centros de Formação profissional (KEK) como mecanismos de corrupção e compra de consciências, debilitando sistematicamente o papel dos sindicatos. Nalgumas instâncias sindicais predominam os representantes dos monopólios. Elaboram posições que estão em oposição com os interesses imediatos e a longo prazo dos trabalhadores independentes.

23. Com excepção de uma parte do movimento operário e sindical que reúne com a PAME, dos trabalhadores independentes com a PASEVE e dos camponeses com a PASY, apesar dos enormes esforços do PCG, as massas operárias e populares não foram na sua essência preparadas para a nova ofensiva do capital, face às já grandes perdas materiais. Converteu-se numa presa fácil no novo período do reformismo-oportunismo e nas condições de uma crise económica prolongada, para práticas como: a adulação do espontâneo em oposição ao sindicalismo operário organizado e à greve como forma de luta, e o sectarismo, assim como a caridade burguesa, pequeno-burguesa e da Igreja. As portas estavam abertas para as provocações e toda a forma de intimidação por parte dos empregadores e do Estado e para-estado.

O movimento operário não foi preparado para nas novas condições lançar um contra-ataque proporcional à magnitude do ataque. Apesar de tudo isto, sob a pressão do repentino agravamento das condições de vida, das iniciativas de luta e da actividade dos sectores com orientação de classe, as cúpulas sindicais pactuantes fizeram algumas manobras mas foram arrastadas para numerosas mobilizações de greve, ainda que na essência não as apoiassem. Um aumento repentino expressou-se nas massivas concentrações da greve de 5 de maio de 2010, de 19 de Outubro de 2011, na mobilização de 12 de Fevereiro de 2012, como forma de protesto contra a assinatura dos memorandos entre o governo, a UE e o FMI.

Fizeram-se algumas greves prolongadas; como é exemplo significativo a greve de quase 9 meses na «Aciaria Grega» e a solidariedade moral e material, nacional e internacional para com os grevistas.

Na essência, o movimento operário e sindical não se reagrupou na base do sector, do grupo empresarial e da organização no local de trabalho; não adquiriu características de massas nem de combatividade através da arma da greve massiva e protegida contra o capitalista e contra o Estado dos capitalistas.

24. Neste período, com a contribuição decisiva do PCG, sobretudo na base da resolução da Conferência Nacional do Partido para o trabalho junto da classe operária e da organização partidária (Março de 2010) assentou-se uma certa base que constitui um legado para a organização das forças operárias e populares e para a orientação da sua luta contra as grandes empresas capitalistas, os monopólios, as suas uniões imperialistas, os seus partidos e

governos. Um significativo número de trabalhadores reconheceu o polo operário e sindical da PAME, os agrupamentos antimonopolistas do PASY e PASEVE, os polos radicais do MAS e do OGE no movimento radical de estudantes e mulheres, respectivamente. A coordenação da sua actividade num quadro de luta comum elaborado promovido pelo PCG e pelos seus quadros nestas organizações é um legado. As iniciativas militantes da PAME, toda a sua actividade, as batalhas nos locais de trabalho e nos sectores contribuíram para a formação de uma vanguarda militante que pode contribuir para o reagrupamento do movimento operário. Além disso, é necessário desenvolver a aliança social a nível sectorial que ainda está na sua fase inicial.

O movimento operário e popular na Grécia surgiu também ele no âmbito europeu como uma força combativa, apesar de nos órgãos sindicais centrais predominarem as forças reformistas colaboracionistas que actuaram traiçoeiramente durante um longo período de tempo.

Foi importante a contribuição do PCG ao apresentar a defesa da indisciplina e da desobediência face à proibição das greves e a intimidação por parte do Estado e do patronato, no caso dos impostos emergentes, do imposto *per capita*, da intervenção imediata e activa para voltar a ligar o fornecimento de electricidade às famílias dos sectores populares, para a abolição dos novos impostos elevados sobre a Saúde, para os gastos com a assistência, como elemento de fortalecimento e experiência do movimento operário e popular. A classe operária, os sectores populares aprendem com estas experiências a não ter medo da lei ou do castigo, dos sacrifícios a que a luta de classes obriga. Tais iniciativas devem multiplicar-se porque educam, dão experiência para os conflitos que se intensificarão no futuro e serão ainda mais exigentes. O lema da indisciplina e da desobediência como elementos do contra-ataque deve localizar-se sobretudo nos locais de trabalho, nas fábricas, nos sectores, para reunir e educar no sentido militante as mais amplas massas populares. O contra-ataque popular deve basear-se também na responsabilidade individual quanto ao levantamento, à intervenção popular, à concentração, mobilização e cooperação na luta social e política.

Os Comités Populares nos bairros são as sementes, a primeira forma da Aliança Popular, e por isso, devem ter um carácter claro como força com orientação de resistência e confronto contra o governo e qualquer outro veículo do poder burguês. Os Comités Populares expressam a actividade conjunta, a luta conjunta das forças sociais; trata-se da expressão concreta da Aliança Social nos bairros. A sua criação e desenvolvimento correspondem à realidade social contemporânea onde as fábricas, as empresas, as zonas industriais estão a alguma distância das casas dos operários e dos empregados. É possível que se desenvolvam outras formas da Aliança Popular nos sectores, intersectoriais ou regionais. Este desenvolvimento enriquecerá a experiência e em geral o arsenal da classe operária e dos seus aliados.

Para o carácter dos Comités Populares são cruciais os seguintes elementos:

- A participação e a mobilização de amplas forças populares na base da classe social.
- A formação do Comité Popular por sindicatos e outras organizações que se agrupem na PAME-PASEVE-PASY-MAS-OGE, com expressão local.
- A intervenção ali, onde actuam as forças populares, para colocar questões correctas.
- A responsabilidade de cada componente da aliança na sua área de responsabilidade e a coordenação entre eles.
- A conexão com as organizações locais e com grupos de trabalhadores.

As forças do PCG nos Comités Populares são responsáveis pelo desenvolvimento desta nova forma de organização e ao mesmo tempo pela preservação da presença e da actividade ideológica, política e organizativa independente do Partido.

25. A actividade de várias correntes políticas burguesas «patrióticas» pequeno-burguesas nacionalistas, fascistas, assim como oportunistas e formas de instituições burguesas constituem uma armadilha na orientação da luta de massas operárias e populares nas condições de uma crise económica prolongada, e ainda mais com certa instabilidade política.

Nestas condições, juntamente com o desenvolvimento da mobilidade das forças populares intensificam-se também os fenómenos de desorientação desta mobilidade em diversas direcções: actividade voluntária que substitui a reivindicação ao Estado, atentados anarquistas e confrontos com os polícias anti distúrbios, com a actividade nacional-socialista, racista, fascista, etc..

Durante os últimos meses, sobretudo devido ao contributo das forças oportunistas, promoveu-se o desenvolvimento de acções e «movimentos» de gestão dos problemas populares graves, o chamado «movimento sem intermediários», etc.. Inclui-se aqui uma grande variedade de acções ligadas à actividade de instituições do Estado, dos municípios, da Igreja, das Organizações Não Governamentais e de outras organizações. A sua actividade leva à formação de mecanismos de assimilação e desmobilização dos sectores populares pobres, à reconciliação com a pobreza e as consequências da crise, a renunciar à resistência, à desobediência, ao contra-ataque, à solidariedade de classe.

Para neutralizar as intervenções desorientadoras nas massas operárias e populares, sobretudo nas pessoas pobres e com menos experiência, nos jovens desempregados, imigrantes, nos estudantes, exige-se uma orientação estável das formas massivas de organização da classe operária.

O chamado «movimento dos indignados» e das «praças» foi apoiado e animado – talvez mesmo desenhado – por mecanismos da burguesia com o objectivo de manipular, de prevenir a radicalização, de canalizar sectores da aristocracia operária e camadas pequeno-burguesas.

Para este «movimento» foi atraído um sector de operários e desempregados. Nas suas fileiras aliaram-se o oportunismo de esquerda e de direita, predominaram as consignas reaccionárias, as consignas da democracia pequeno-burguesa adquirido a experiência política com o objectivo de atacar o movimento operário e popular com orientação de classe. Sobretudo no princípio, reuniram-se massas populares que não tinham ainda a experiência política necessária e apoiavam uma opção diferente, que supostamente deteria o declive, resolveria os seus problemas. Este alinhamento de massas heterogéneas expressou-se através do critério do voto nas batalhas eleitorais de Maio e Junho de 2012.

Surge o problema bem conhecido de saber que forças encabeçam e influenciam o movimento de massas: a classe operária e a sua aliança na direcção antimonopolista ou as forças pequeno-burguesas que fomentam ilusões de que é possível uma solução a favor do povo sem a ruptura com as relações de produção capitalistas?

Por isso é que é importante a luta pelo derrube da presente correlação de forças e das suas pré-condições para o fortalecimento da luta de classes.

A actividade do Partido, os problemas dos imigrantes

26. O PCG desempenhou um papel activo na denúncia das causas da imigração e das ondas de refugiados. Mostrou o verdadeiro culpado, as guerras imperialistas e das intervenções imperialistas, a pobreza extrema e o desemprego provocados pela contra-revolução, a via capitalista de desenvolvimento que implica desigualdade, a concorrência pela divisão dos mercados. Fez um especial esforço para expor o perigo que significa o racismo e o nacionalismo para a unidade da classe operária e para o decorrer do fortalecimento do movimento popular. Contribui, na medida do possível e em circunstâncias difíceis, para o desenvolvimento de condições de actividade de classe conjunta e de unidade entre as e os operários gregos e imigrantes. Elaborou um quadro global das questões que respeitam – na medida possível nas actuais condições tal como se desenvolveu a situação – aos problemas mais graves dos imigrantes. Ao mesmo tempo combateu o cosmopolitismo do capital, cujos argumentos pretendem esconder a contradição fundamental entre o capital e o trabalho. O internacionalismo proletário, como princípio comunista, tem também que ver com a questão da imigração; consequentemente, o PCG continuará a sua acção para a unidade dos trabalhadores gregos e imigrantes, para o aumento do número de imigrantes, homens e mulheres, nas fileiras do movimento operário. A mobilização do movimento operário será determinada pela participação dos imigrantes nos sindicatos, na luta de classes. Em condições de situação revolucionária as trabalhadoras e os trabalhadores imigrantes devem mobilizar-se juntamente com os trabalhadores gregos. Este tema determinará o curso da luta.

O conflito político-ideológico

27. O Partido contra-atacou de forma combativa e desenvolveu uma actividade sistemática numa série de questões politico-ideológicas que se colocaram durante o conflito nas fileiras do movimento, na luta de classes em geral, em todas as batalhas eleitorais, independentemente das perdas nas batalhas eleitorais.

O PCG desempenhou um papel importante na revelação do carácter da crise, dos memorandos, do acordo sobre o «recorte» da dívida, da importância da dificuldade do sistema político burguês e em geral do capitalismo de gerir a crise, de prever os desenvolvimentos na União Europeia. Além disso, destacou as duas vias de desenvolvimento, as diferentes receitas para a gestão burguesa da crise e a saída da crise a favor dos trabalhadores e do povo, bem como a necessidade da retirada dos UE, do cancelamento unilateral da dívida, do poder operário e popular e do seu conteúdo principal. Destacou o valor da solidariedade de classe internacional com as vítimas da imigração, os imigrantes económicos e os refugiados políticos.

O conflito ideológico, ali onde se podia escutar a voz do Partido, de diversas formas e maneiras sobre todos os acontecimentos nos períodos de 2009-2012, tinha que ver com as questões: gestão da crise ou saída a favor do povo? Por outras palavras: Reforma ou revolução?

A melhoria da intervenção do Partido, que se observou no período 2009-2012, foi afectada pelas consequências ideológicas e políticas derivadas de factores de relativamente longo prazo, assim como do período da crise, isto é, das diversas consequências do derrube dos regimes socialistas e da inevitável alteração negativa da correlação de forças.

28. Questões básicas da luta político-ideológica:

a) Destacaram-se os limites da luta sindical na actual fase do desenvolvimento capitalista e, sobretudo, nas condições de crise. Quando num local de trabalho, um sector toma iniciativas militantes sem contar com o adequado e necessário apoio tem dificuldades em dirigir o desenvolvimento da luta, já que o patronato mostra a sua conhecida intransigência de classe. Ficou demonstrado que, particularmente nas condições da crise económica capitalista e em sectores negativamente afectados, é difícil um êxito, inclusive numa luta parcial, se não se criaram as condições para o conflito ao nível do grupo empresarial, do sector, do conflito total com o capital pelo derrube radical do poder político.

b) Verificou-se um ataque estudado contra o PCG como um aspecto fundamental da recomposição do sistema político burguês, através da utilização de meios clássicos e novos, como é o recurso à internet.

O objectivo do ataque é isolar e marginalizar o PCG, transformá-lo numa força política extraparlamentar, favorecendo as forças reformistas e oportunistas que pretendem participar num governo de gestão burguesa. Ao mesmo tempo, pretende-se pressionar ideologicamente o Partido para que se incorpore no sistema político burguês, como elemento da sua reforma e como força de apoio da alteração da sua fórmula de gestão.

O ataque contra o PCG e contra as forças do movimento sindical com orientação de classe, foi desenhado sistematicamente a partir de 2007 quando o PCG registava um crescimento da sua influência política, bem expressa no resultado das eleições daquele ano, tomou as seguintes características:

- O anticomunismo vulgar, a propaganda anti-socialista de calúnias que se converteu em ideologia oficial da União Europeia.
- A tentativa de apresentar o PCG como um partido sistémico, comprometido e subjugado pelo sistema. Esta calúnia é promovida de forma articulada com a difusão do ponto de vista de que «são todos iguais».
- O sistema político burguês pôs em marcha um ataque planeado contra a integridade moral do Partido, centrando-se nas suas finanças. A provocação acerca da companhia «Germanos», a recusa do Partido em divulgar os nomes dos que o apoiam, os despedimentos na empresa «Tipekdotiki» e no canal «902», que foram utilizados para equiparar na consciência dos trabalhadores o PCG com os partidos burgueses, na lógica de que «são todos iguais».
- Uma ofensiva «amistosa» com o objectivo de puxar o PCG para uma linha «anti memorando», e apoiar a alteração da fórmula de gestão da política burguesa.
- O fortalecimento das forças políticas burguesas anticomunistas que podem constituir um factor combativo de ataque ao movimento operário.

c) Estão a crescer na consciência do povo tendências reaccionárias influenciadas por aquelas forças e organizações políticas que promovem uma série de pontos de vista, como por exemplo o fortalecimento do racismo e da xenofobia, apontando para os políticos como «os políticos-ladões», para esconder a essência do problema político e o carácter de classe do Estado burguês e dos partidos que o apoiam. Ao mesmo tempo, embelezam outros sectores do Estado burguês (Exército, Justiça) em oposição ao sistema político, etc.

d) Promove-se uma versão alternativa da linha reformista pelas forças do oportunismo que procuram um acordo político na base do chamado «programa político transitório de luta».

Objectivos como a ruptura com a União Europeia, quando se promovem, são separados da luta pelo poder. Perdem o seu carácter de classe e, especialmente nas condições actuais em que a União Europeia vive uma perturbação da sua coesão, podem assemelhar-se aos objectivos

burgueses. O objectivo da saída da zona euro e da União Europeia, colocado por parte de um sector da burguesia, tem carácter de classe, põe a questão da reorientação das alianças imperialistas do país.

Na realidade, a linha anti memorando geral leva o movimento operário debaixo da bandeira de um sector da burguesia, ao serviço dos interesses desta.

e) As ilusões parlamentares e a expectativa de uma saída favorável ao povo através de um governo burguês continuam dominantes na maioria do povo; são poderosas inclusive entre uma parte dos votantes do Partido.

O poder burguês compõe-se de instituições, mecanismos abertos e ocultos que actuam independentemente do partido que está no governo ou de como se forma a maioria parlamentar.

O PCG, através da sua acção sistemática e multifacetada deve contribuir para que o voto no PCG de sectores operários e de camadas populares pobres expresse não apenas o desejo de apoiar a força política que luta conseqüentemente pelos problemas populares, mas também com o objectivo de classe de debilitar o sistema político burguês, de modo que cada brecha reforce o caminho para o derrube do poder burguês e da propriedade capitalista.

f) Reproduzem-se as consignas da perda da soberania nacional da Grécia e da sua usurpação pela Alemanha. Trata-se de um argumento burguês, enganador, que pretende ocultar o problema essencial, pois, a posição subordinada de um país na aliança imperialista de Estados capitalistas (da qual derivam relações desiguais entre eles) não invalida os interesses estratégicos comuns, sobre os quais se forma a aliança. Está historicamente demonstrado que os Estados capitalistas foram apoiados, inclusive através da intervenção militar e política, directamente nos seus assuntos internos, para fazer face às crises internas e à possibilidade de uma instabilidade política.

O patriotismo contemporâneo identifica-se com o derrube do poder burguês, da propriedade capitalista dos meios de produção, da retirada de toda a coligação inter-estatal capitalista e aliança imperialista.

g) Devido às conseqüências da entrada da Grécia na União Europeia e da correlação de forças a nível internacional reforçam-se as dúvidas de ser possível um «desenvolvimento favorável ao povo» num único Estado membro da União Europeia. Ao mesmo tempo, difunde-se a posição de que o terreno da luta de classes passou do nível nacional para o nível regional e inter-estatal.

Esta posição está a ser sistematicamente promovida pelas forças oportunistas, não apenas no nosso país mas também a nível europeu e internacional que, em nome da luta regional ou internacional, justificam a tolerância das uniões imperialistas regionais, como por exemplo a União Europeia. Estes pontos de vista subestimam a independência relativa da agudização das contradições sociais a nível nacional. Em primeiro lugar, a luta deve dar-se a nível nacional contra a burguesia e o seu poder. Tal como se diz no Manifesto do Partido Comunista “o proletariado de cada país deve evidentemente acabar primeiro com a sua própria burguesia». O desigual desenvolvimento económico é uma lei absoluta do capitalismo. Daqui se deduz que o socialismo pode triunfar inicialmente em vários países ou num só país.

A experiência histórica demonstrou que a agudização da luta de classes num Estado está ligada aos processos correspondentes que têm lugar noutros Estados, pelo menos a nível regional.

O percurso da força eleitoral do partido

29. O Partido conseguiu a maior percentagem de votos nas eleições para o Parlamento Europeu (Junho de 2009), e nas eleições regionais (Outubro de 2010). Nas eleições para o Parlamento Europeu, o Partido conseguiu uma maior percentagem em comparação com as eleições parlamentares do mesmo ano, o que não correspondeu a um aumento do número de votos, já que a abstenção (que se voltou contra o bipartidarismo) também afectou uma parte dos votantes do PCG, dos que se tivessem votado o teriam feito no PCG. Aconteceu o mesmo nas eleições regionais. A decisão do Partido de participar nas eleições com uma lista unificada e posições comuns a nível nacional nas eleições locais e regionais, tal como fazia anteriormente quando havia prefeituras, foi correcta. Foi um passo importante para confrontar as manobras de outros partidos e dos estreitos pontos de vista locais. A dinâmica que o Partido teve nas eleições regionais não se verificou nas eleições municipais, com excepção de alguns grandes municípios onde o Partido conseguiu melhores percentagens, dado que as eleições locais ganharam um carácter político mais geral. Temos responsabilidade neste facto porque não combinámos a luta política geral, as questões sociais, a discussão ideológica à volta do papel da administração local, dos seus funcionários e dos eleitos, deixando-os relativamente intactos. Subestimámos o facto de a administração local ter inúmeras ligações a numerosas famílias, através de obras, postos de trabalho, bem como múltiplas actividades de âmbito cultural, centros médicos, etc.. Hoje, por causa da crise, têm uma rede deste tipo de actividades muito mais profunda. O desgaste dos partidos burgueses não se estende aos seus eleitos locais que apoiam a linha política geral do sistema e trabalham para que seja tolerada. Além disso, o sistema está centrado na personalidade e as listas incluem, muitas vezes, candidatos de diferentes partidos. As eleições locais são utilizadas como campo de prova para novas formações políticas, novas figuras «apartidárias», para formações-obstáculo, que brotaram como mísscaros, sobretudo nas últimas eleições.

Nas eleições de Outubro de 2009 apareceram os primeiros sintomas das contradições causadas pelas diferentes exigências da crise económica na consciência da classe operária e do povo sob as desiguais condições a que está sujeito o movimento operário, criadas pelo ataque em grande escala da burguesia. Ao mesmo tempo, reforça-se a ideologia dominante e a propaganda de que o problema político é a gestão e a forma como se exerce o governo.

A soma dos votos do PASOK e da ND combinados, a reduzida força eleitoral do PCG (comparada com as eleições parlamentares de 2007), a grande abstenção nas eleições de camadas populares descontentes, constituíram um resultado negativo para o movimento popular.

As duas batalhas eleitorais de 2012, independentemente das condições objectivas complexas – que de certo modo não tinham precedentes – realçaram as debilidades e os atrasos de há anos no trabalho do Partido e do Comité Central para a unificação do movimento operário, o fortalecimento da aliança social e a criação de organizações do Partido durante a crise, além das dificuldades gerais quanto à organização das massas.

Independentemente dos factores objectivos que determinaram a diminuição eleitoral, também durante o período pré-eleitoral houve debilidades e deficiências de carácter subjectivo. O Comité Central não prestou atenção ao facto de, pela primeira vez em comparação com batalhas eleitorais anteriores, o povo que sofria ter de escolher entre um governo baseado da ND ou do PASOK por um lado, e um governo de uma chamada «cooperação de esquerda» por outro.

O Comité Central deveria ter definido a primeira batalha eleitoral com o mesmo espírito das elaborações imediatas às eleições de 6 de Maio, no primeiro período pré-eleitoral deveria ter feito soar o alarme para o perigo de perdas imediatas, face à campanha planificada de enfraquecimento do Partido pelas forças do sistema. Naturalmente, isto não quer dizer que se no primeiro período pré-eleitoral se tivesse traçado uma tática eleitoral adequada teria sido possível inverter a corrente reformista a favor de um governo de gestão da crise. O seu desenvolvimento tem uma base objectiva que corresponde às necessidades do poder burguês. No entanto, é possível que as perdas tivessem sido menores, que se tivesse evitado um ambiente de frustração, especialmente entre os amigos e votantes do Partido, justificadamente provocado pelos resultados eleitorais.

A recusa do Partido de participar num governo de gestão burguesa da crise constitui um legado importante para o movimento operário e popular.

O caminho da criação de organizações do Partido

30. Após a Conferência Nacional de Março de 2010 para a reunificação do movimento operário e o Plenário alargado do Comité Central para a criação de organizações do Partido em Julho de 2010, fizeram-se importantes esforços quanto à redistribuição das forças e à nova estrutura do Partido, que não são uma medida organizativa pequena, mas uma medida de orientação da actividade na base do carácter e da estratégia do Partido. A redistribuição como forma e conteúdo da actividade é uma das condições básicas para a criação de organizações do Partido nos locais de trabalho, nos sectores, para a reunificação do movimento operário, a promoção da Aliança Social.

Esta redistribuição trouxe ainda mais claramente à tona as dificuldades de orientação das organizações para trabalhar junto da classe operária e pela Aliança Social. Sobreviveram pontos de vista errados que foram adoptados durante um longo período de tempo, quando a maior parte das forças do Partido tinha uma orientação de actividade com critérios territoriais e não critérios combinados sociais e de classe. Entre outras coisas, predominou a percepção de que o fortalecimento eleitoral e o alargamento do círculo de influência são mais fáceis quando se tem como critério o lugar de residência, e que nos últimos anos aumentaram as dificuldades de aproximação aos operários e empregados nos locais de trabalho. Estas dificuldades também derivam das consequências da crise (encerramento de fábricas, mudança das fábricas para longe dos locais de residência, medo do despedimento, intimidação patronal e do Estado, etc.) que, no entanto, exigem um trabalho mais concreto, sem espírito de desistência em nome das dificuldades objectivas existentes.

31. A criação de organizações do Partido exige um plano de acção junto das amplas massas operárias, sobretudo junto daqueles que mais sofrem com a crise capitalista, um plano de acção que enfrente – na medida em que depende do factor subjectivo – os factores que limitam o recrutamento, e que utilize todas as oportunidades da actividade dinâmica do Partido e da sua estratégia.

As armas que o Partido tem hoje à sua disposição são:

- A ideologia, os estudos, as publicações do Partido que são um apoio e um recurso para o trabalho, multifacetado, estável e permanente, para a generalização das experiências e a propagação, mais alargada possível, entre as massas operárias. Estas armas, à medida que são usadas por todas as organizações do Partido, servem para enfrentar as calúnias e os pontos de vista errados colocados pelo inimigo e que impedem a acção. Criam «incentivo» adequado. Exige-se um trabalho planificado cada vez mais especializado dirigido aos jovens e às mulheres de origem operária.
- A acção política e cultural desenvolve a consciência de classe, a combatividade e a capacidade de entrega, a abnegação e a disposição para os sacrifícios, contribui

para elevar a educação e a formação política e cultural, que constituem uma importante frente contra a ideologia burguesa em todas as suas versões, contra o oportunismo.

- A preparação diversificada e a educação dos operários através de todas as formas de luta e a compreensão da vigência e necessidade do socialismo. Os laços de comunicação e de relação com os operários desenvolvem-se no terreno da luta de classes, na união provocada pela gravidade dos problemas. No entanto, esta relação não é suficiente para a aquisição voluntária da honrosa condição de membro do PCG, sem que exista um nível de preparação e de consciência sobre o carácter revolucionário do Partido e a estratégia para o socialismo-comunismo.
- Plano de penetração nas massas operárias e populares através da propaganda e do trabalho no movimento de modo a possa em algum momento dar frutos,

Os elementos do plano são:

- A actividade à volta dos problemas prementes em qualquer sector e a formação de órgãos de luta. A acção sistemática sobre os problemas do desemprego em articulação com a mobilização dos desempregados e das suas famílias.
- O trabalho especializado em cada sector, local de trabalho, categoria de trabalhadores e por grupo etário e de género.
- O estudo e conhecimento da área.
- A aquisição de uma mais ampla compreensão dos problemas dos trabalhadores através do contacto com eles.
- A mobilização de todas as forças.
- O trabalho com as camadas aliadas e as suas organizações.

Alguns aspectos particulares são:

- Assimilação dos novos recrutamentos que objectivamente não adquiriram experiência política e a vigilância, e o controlo estrito para os que querem reintegrar-se.
- O trabalho responsável com as transferências dos membros de uma organização para outra.

A composição social do partido como elemento do processo da organização partidária

32. Não tem havido nenhum avanço substancial na composição social operária do Partido e dos órgãos de direcção, o que é um assunto crucial para a preservação do carácter de classe do PCG. Assim, a alteração radical e a melhoria da situação constituem um assunto urgente. Não devemos ignorar os acontecimentos objectivos na estrutura da economia e do emprego, as consequências da crise capitalista, os despedimentos, a importância da intimidação patronal, o regime da contratação e das relações de trabalho nos diversos sectores de

trabalho. Mas este problema não diz apenas respeito aos factores objectivos. Reflecte-se também nas debilidades e nas deficiências do Partido na criação de laços ideológicos e políticos essenciais com a classe operária e o seu movimento, no trabalho com os jovens, na sua educação de classe.

A capacidade do Comité Central quanto à sua orientação política e ao trabalho de orientação político dos órgãos e dos quadros não correspondiam às exigências. São particularmente os seguintes os elementos de debilidade:

- A atenção e a assistência especialmente aos quadros jovens da classe operária, para que superem a sua experiência limitada, para que não reproduzam o praticismo, a alienação do conteúdo ideológico e político do trabalho organizativo, mas que contribuam para uma correcta planificação da intensificação da luta. A debilidade e o atraso no que respeita à promoção de jovens, homens e mulheres que trabalham e estudam em várias escolas de formação profissional.
- A melhoria decisiva da orientação política, para que os órgãos funcionem e dirijam responsabilmente todo o trabalho da sua área, e para que os membros do Partido e da JCG participem activamente nos seus sindicatos. Isto significa que devem ter um amplo conhecimento da sua área, dos acontecimentos do sector e área, para que as direcções possam especializar-se, proporcionar uma assistência substancial às organizações de base do Partido (OBP) e aos grupos partidários para que desenvolvam iniciativas criativas. As organizações do Partido devem adaptar-se às necessidades dos sectores e locais e, ao mesmo tempo, apoiar de forma coordenada as actividades centrais do Partido. O conteúdo de cada OBP deve ser mais concreto, de acordo com a responsabilidade e as tarefas de cada membro do Partido.
- Apesar dos importantes passos que se deram através das diferentes actividades do Partido, discussão de documentos, comemorações de datas assinaladas, não tem sido dada suficiente atenção ao cumprimento essencial dos princípios do funcionamento do Partido e do tratamento dos respectivos assuntos de forma educativa, convincente e decisiva. A tolerância para com a subestimação, a amizade ou qualquer espírito de subjectivismo são fenómenos que subvertem, independentemente das intenções, o colectivo, a eficácia e a combatividade. Sobretudo nas actuais condições, a sua confrontação é uma condição para a organização partidária, o crescimento das fileiras do Partido, a preparação e a capacidade, o seu rosto revolucionário.

33. Devido ao facto da composição dos órgãos e das organizações continuarem a ser insatisfatórias, já que não houve mudanças e melhoras significativas, as seguintes metas ainda não foram cumpridas:

- O aumento da percentagem dos trabalhadores industriais e do número das OBP nas grandes empresas é de importância estratégica.
- Aumento da percentagem de classe operária no Partido.
- Aumento da faixa etária entre os 18 e os 40 anos. Esta directriz deve ser entendida, planificada e convertida em trabalho sistemático, prático, na base dos acontecimentos que tiveram lugar nos últimos vinte anos, sobretudo durante a crise. Está a aumentar rapidamente o número de desempregados, de trabalhadores com relações flexíveis, o número dos que mudam frequentemente de emprego, etc..
- O aumento do número de mulheres recrutadas para aumentar a sua percentagem nas organizações e nos organismos de direcção do Partido.

Sobre os órgãos e os quadros do Partido

34. O Comité Central e todos os órgãos de direcção devem supervisionar permanente em que medida se concluiu e estabilizou a fase de redistribuição das organizações partidárias. Isto permitirá dar resposta às principais tarefas de organização da luta de classes, à criação de organizações partidárias nas empresas e nas fábricas, à promoção da aliança social a partir de baixo, para que se fortaleça a partir de cima. Onde se verificar, há que enfrentar a parcialidade na orientação das organizações sectoriais e locais, bem como a dificuldade de especialização de quadros em sectores de trabalho que exigem conhecimento específico e orientação correcta para tratar cada sector particular, a partir de um ponto de vista estratégico.

De forma planificada e sem hesitações, os organismos de direcção devem decidir sobre a redistribuição dos quadros e membros na base do desenvolvimento dos sectores e das regiões. O plano para a promoção e o desenvolvimento dos quadros, o seu aproveitamento de forma planificada deve superar o fenómeno negativo que das múltiplas tarefas, que tanto prejudica a qualidade do trabalho, dificulta a orientação principal e básica para o trabalho junto da classe operária e das massas populares pobres.

Uma organização de quadros não conseguiu adaptar-se às exigências contemporâneas da luta, às novas condições que surgiram depois da alteração negativa na correlação de forças na crise, o que levou ao fim do seu desenvolvimento, ao aparecimento de elementos de retrocesso. Este problema está além disso relacionado com a ajuda colectiva e individual que recebem, e com a responsabilidade individual dos quadros na adaptação às novas condições, para não caírem na rotina, para melhorar de forma constante, naturalmente de acordo com as suas capacidades pessoais.

Devem ser utilizadas formulações gerais do Partido e das secções do Comité Central. Ao mesmo tempo, as Organizações Regionais devem estar em condições de ajudar na especialização do estudo em geral e na organização do estudo dos problemas particulares da

sua área, de uma forma científica. Deve-se fazer pelo menos um primeiro estudo para proporcionar material para as formulações mais gerais do Partido.

35. Os organismos de direcção, a começar pelo exemplo colectivo e pessoal dos membros do Comité Central, devem garantir o adequado ambiente para que se promova a combatividade perante as dificuldades. O espírito de combatividade exige não apenas consignas gerais de entusiasmo, mas a elaboração adequada das orientações e em geral das decisões. É a sua preparação para uma mudança repentina dos acontecimentos, a ajuda para que não se submetam à lógica da negativa correlação de forças. Devem-se esgotar todas as possibilidades de reflectir para melhorar, diminuir a influência do factor subjectivo, utilizar todas as possibilidades, mesmo as mais remotas.

O objectivo é a promoção de muitos quadros da classe operária, de origem operária ou popular, ajudá-los para que possam ganhar as diversas capacidades e um bom nível de especialização nos sectores, um bom nível ideológico e político, capacidade nos problemas de direcção, de orientação para a reunificação do movimento operário, para o desenvolvimento da Aliança Popular. Ao mesmo tempo, há que utilizar os cientistas e os artistas membros do Partido para que ponham o seu trabalho científico e a criação artística ao serviço da classe operária. Este dever depende também da preparação a tempo das forças JCG, da sua localização, da planificação do seu desenvolvimento.

Há que apoiar especialmente os quadros que se encarregam da orientação política das organizações de base do Partido e da JCG.

Os quadros devem ganhar a capacidade de generalizar a experiência tirando as conclusões dos organismos e assegurando a transmissão da experiência colectiva.

Um assunto importante é a eliminação do praticismo que surge sobretudo no trabalho de massas e no trabalho organizativo, ao mesmo tempo que existe o perigo do trabalho ideológico cair na rotina e na standardização.

A atribuição de cargos aos quadros para a orientação política das organizações, a nível ideológico e nas fileiras e nos órgãos do movimento de massas não devem levar a uma unilateralidade da experiência e da orientação. Todos os quadros devem ter experiência directa e pessoal da propaganda, da iluminação, da comunicação com os trabalhadores, das lutas através dos sindicatos e de outras organizações de massas, para que possam elaborar e especializar de forma viva e concreta as tarefas das OBP no movimento operário e popular, no confronto ideológico e político.

36. Além disso, há que melhorar a capacidade dos membros do Partido para enfrentarem qualquer tentativa de subverter a unidade Partido, o laxismo, a debilidade organizativa e o liberalismo. Um aspecto grave deste tema é a criação de um ambiente de modo a que cada membro do Partido e da JCG expresse as suas opiniões de forma documentada, para que a decisão seja o produto de muitas propostas e ideias. Além disso devem dar-se respostas fundamentadas a opiniões erradas ou que expressem uma confusão ideológica. Um aspecto importante é a utilização da rica experiência histórica, antiga e recente, do Partido e do movimento operário e comunista na luta contra toda a forma de oportunismo.

37. A questão da periferia das OBP e das Organizações de Base (OB) da JCG não se pode deixar à espontaneidade nem ao acaso, nem tampouco se pode recorrer aos simpatizantes, amigos e aliados só no período das eleições sindicais, nacionais e locais. De uma forma geral, periferia significa o conjunto dos nossos votantes conhecidos (que é um número mais pequeno que os que votaram em algum momento no PCG), amigos e seguidores durante muitos anos. A nossa percepção sobre a periferia deve alargar-se para incluir os trabalhadores com quem temos contacto nos locais de trabalho e nas lutas, com os que cada OBP forma as listas, orienta a sua actividade nas fábricas, nos supermercados, em todas as lojas independentemente de votarem em nós ou não. O que pode fortalecer o nosso trabalho é que eles se tornem mais activos, mais lutadores, os amigos, os simpatizantes e os votantes do Partido, inclusive alguns deles podem ganhar com o decorrer do tempo o título de membros do Partido.

Sem colocar obstáculos à comunicação com amplos sectores populares e operários, torna-se necessário consolidar à volta do Partido a periferia, de forma planificada, tendo como critério a reunificação do movimento operário e a construção de organizações do Partido. Porque através da periferia surgirá a nova geração do Partido, as novas forças de vanguarda do movimento nas condições de crise; a renovação levar-se-á a cabo através do recrutamento de operários e operárias jovens. A questão da ampliação e renovação da periferia, da sua acção ao lado do Partido é um dever permanente.

Se bem que o percurso da economia capitalista na estrutura do emprego imponha um trabalho planificado, sobretudo junto da classe operária, dos jovens, dos sectores que estão a empobrecer, hoje em dia adquire uma grande importância que a periferia corresponda, tanto quanto possível, com o carácter do Partido e a sua estratégia, com a sua política de alianças.

Devemos eliminar os costumes e as práticas antiquadas e erróneas de trabalhar com os amigos e os simpatizantes em assuntos que apenas têm que ver com a actualidade política ou tratá-los só como votantes.

Todas as OBP devem ter como objectivo o trabalho ideológico e político sistemático e a informação de amigos e votantes, estudar as suas opiniões, para os proteger do trabalho dos opositores que os querem utilizar para exercerem pressão sobre o Partido.

A Juventude Comunista da Grécia

38. A Juventude Comunista da Grécia (JCG) como juventude comunista revolucionária do PCG, esteve ao lado do Partido nestes quatro anos de lutas, de actividade política em geral, de confrontos e fez um importante esforço na aplicação da estratégia do Partido nos locais onde se concentra a juventude trabalhadora e estudantil. Participou activamente, sob responsabilidade e a assistência do Partido, na discussão das resoluções e documentos, e contribuiu para o enriquecimento da sua actividade política e de massas. Hoje em dia surgiu uma geração de quadros da JCG. O seu amadurecimento permite-lhe cumprir as tarefas mais complexas quando passam para o trabalho do Partido. É uma geração educada de forma militante já que melhorou a sua formação política e a sua experiência em grandes confrontos. Um grande número de membros do Partido vem dos organismos da JCG, passou a membro do Partido e renovaram e melhoraram a composição etária dos organismos. O aparecimento de novos quadros da JCG no Partido e nas fileiras do movimento operário e popular é um processo contínuo e permanente e deve adquirir um ritmo mais intenso através de um processo de promoção e desenvolvimento de quadros na organização juvenil dos comunistas.

39. Desde o XVIII Congresso o Comité Central, os Comités Municipais e Regionais fizeram um trabalho ainda mais cuidado na orientação ideológica e política dos organismos da JCG, ao mesmo tempo que existe uma cooperação entre as OBP e as OB da JCG. No entanto, por muito importante que seja a ajuda ideológica e política ela não é suficiente. Deve ser completada através de ajuda ao conhecimento da estratégia do Partido não apenas em relação às questões da acção política mas também sobre as formas e os modos de organização e unidade da juventude e na táctica de desenvolvimento das lutas.

40. A Juventude Comunista da Grécia é a organização juvenil do PCG. Foi criada ao lado do Partido com uma estrutura organizativa independente. É dirigida a nível ideológico, político e organizativo pelo Conselho Central da Organização de Base (OB) e pelos órgãos correspondentes do Partido, visto que a juventude não pode ter uma estratégia nem um programa próprios de conquista do poder. A relação entre o carácter da JCG e a sua independência organizativa deve ser correctamente aplicada para que não surjam contradições.

Não se deve deixar à JCG a responsabilidade exclusiva de actuar junto da juventude e dos seus movimentos, com o Partido apenas a proporcionar a orientação ideológica e política. O próprio Partido pela sua natureza, pelo seu Programa e estratégia tem a responsabilidade

directa de dirigir e desenvolver as suas ligações à juventude. Ao mesmo tempo, ajuda e apoia a JCG na aplicação da sua estratégia e decisões entre os grupos mais jovens. Esta tarefa está hoje na ordem do dia por constituir um elemento essencial da reunificação do movimento operário, da Aliança Social, da renovação das fileiras e dos quadros do Partido, com o sangue novo da classe operária e dos sectores populares pobres.

A ajuda do Partido à JCG inclui também a criação de organizações da JCG, da educação comunista, da preparação para o recrutamento de membros da JCG para o Partido, atrair para o movimento operário e os seus aliados grupos etários mais jovens e fortalecer a Aliança Social.

41. O desenvolvimento das condições de trabalho da juventude, da sua vida em geral trouxeram tantas e tão variadas alterações que aumentam a responsabilidade do Partido no desenvolvimento dos laços ideológicos, políticos e organizativos com os grupos mais jovens. No entanto, pessoas com mais de 30 anos mantêm algumas características e modos de vida que, na generalidade, são associados a escalões etários mais jovens, já que é difícil encontrar trabalho, constituir a sua própria família, o que obriga a que continuem com o apoio dos seus pais.

Aumentou a idade em que os casais assumem obrigações e responsabilidades de trabalho e de criação e educação dos filhos. Uma parte significativa dos jovens que estão desempregados nunca tiveram trabalho ou então foram despedidos após poucos meses de trabalho em diversos sectores ou com relações laborais camufladas, etc.. Por isso, não criaram laços com um sector concreto ou não se dão conta da necessidade da organização sindical, tal como não há canais de comunicação directos com o trabalho do Partido na classe operária e ao seu movimento. Até certo ponto, é mais fácil o contacto no lugar de residência, onde estão a escola, os ócios, os locais de desporto, na medida em que possam ter esses interesses.

Na realidade, o Partido e a JCG dirigem-se aos mesmos sectores sociais também no que diz respeito a escalões etários mais jovens, enquanto classe operária, desempregados, trabalhadores autónomos ou camponeses. Para a cooperação, a planificação, a coordenação deve existir uma harmonia absoluta entre os órgãos do Partido e as organizações da JCG, para que possam enriquecer-se mutuamente. A construção do Partido entre os operários jovens é um objectivo comum ao da JCG de recrutar com base em critérios de classe concretos.

Sublinhe-se que a actividade nas escolas, nos institutos de formação vocacional, em toda a rede de escolas profissionais, criadas pelos empresários e por privados, têm outras particularidades, dado que proporcionam mão-de-obra mais barata e mais fácil de manipular, com menos direitos económicos e institucionais. Uma particularidade semelhante é característica nas universidades e institutos técnicos. Nestes institutos, devido à sua

composição, a JCG dirige-se a mais forças, já que é muito maior o número dos jovens que estudam em comparação com o pessoal docente e auxiliar, e por isso têm muito maior número de forças organizadas que o Partido. Nestes lugares a responsabilidade do Partido mantém-se total, pelo que deve haver uma coordenação e cooperação melhor organizadas, para que as organizações do Partido e da JCG actuem e definam as direcções do trabalho, etc..

Por tudo isto, é necessário algumas alterações para melhorar e tornar mais efectiva a cooperação dos órgãos do Partido e da JCG, para que trabalhem em conjunto no movimento operário e com os seus aliados, trabalhem em conjunto nos locais de educação e aprendizagem.

Propõe-se que se estude melhor este assunto numa Conferência Nacional do Partido depois de uma discussão nos órgãos da JCG.

42. Hoje em dia, apesar dos êxitos alcançados na elaboração dos critérios de recrutamento e da comprovação necessária antes da integração no Partido, ainda persistem alguns problemas com o ritmo de recrutamento relativamente tardio, sobretudo se tivermos em conta as necessidades, nos locais de trabalho onde se empregam os mais jovens, bem como nas escolas, nas escolas técnicas, nos centros de formação, nos institutos técnicos e nas universidades. Mas ainda há atrasos quanto à assimilação dos novos membros e muito recrutamento casual. Estes problemas são uma fonte de hemorragia de forças sob pressão das graves dificuldades que os jovens sentem.

Trata-se de gerações que estão a sentir grandes perdas e carências em relação às suas necessidades; por um lado repudiam o sistema político burguês nas suas diversas formas, mas ao mesmo tempo vêm-se influenciados pelo clima contra-revolucionário.

Independentemente dos necessários ajustamentos, o Comité Central e os órgãos de direcção do Partido têm a responsabilidade de abordar alguns assuntos, tais como:

- A distribuição dos quadros do Partido que adquiriram a capacidade para isso pelos organismos de direcção do Partido ou dos que podem ganhar capacidades para trabalhar com esses organismos e dos quadros da JCG na orientação das OB. A ajuda e a planificação da promoção dos dirigentes adequados às diversas organizações do Partido que trabalham com os grupos etários mais jovens, que têm as características necessários e o conhecimento dos problemas e das necessidades da juventude, das suas tendências e orientações.
- Atribuição de responsabilidade a todos os membros do Partido que possam ajudar a especificar o trabalho do Partido e da JCG entre os grupos etários jovens, dependendo do lugar e das necessidades.

- Melhorar decisivamente a cooperação e a ajuda dos organismos do Partido e sobretudo das OBP com os organismos e os membros da JCG como futuros membros do Partido depois de um período especial de preparação e provas nas organizações da JCG.
- A estabilização da Assembleia Geral da OB, assegurando o ambiente e a ajuda ao melhor aproveitamento do contributo dos membros na elaboração e aplicação das decisões, ao estudo da experiência da actividade entre os grupos etários mais jovens, á participação na luta e na luta ideológica e política. O confronto com os problemas relacionados com a redução da vigilância e a protecção da organização.

O Movimento Comunista Internacional – A actividade do Partido

43. O Partido continuou os seus esforços para fazer frente aos problemas cruciais e graves criados pela vitória da contra-revolução, cujo principal elemento é a luta contra o oportunismo. Os resultados são limitados ainda que isto não dependa do PCG, pois têm a ver com a situação geral de muitos Partidos Comunistas em todos os continentes, inclusive nos países capitalistas poderosos.

Os confrontos de classe na Grécia, o conflito com o patronato e a acção de vanguarda do PCG contribuíram para o desenvolvimento da reflexão dentro de muitos Partidos Comunistas sobre o tema principal, isto é, qual deve ser a linha política da actividade dos comunistas nas condições de crise. A reflexão e o debate entre as diferentes opiniões mostram a importante contribuição do PCG juntamente com os outros Partidos Comunistas e justificam a necessidade de reunir forças para derrubar o poder burguês, para lutar pelo socialismo.

Graças à iniciativa do nosso Partido, bem como de outros partidos comunistas, realizam-se todos os anos Encontros de Partidos Comunistas e Operários, nos quais tem lugar um debate ideológico contra o oportunismo, o reformismo e diversas correntes. Além disso, realizam-se encontros regionais e temáticos de Partidos Comunistas e emitem-se comunicados conjuntos sobre problemas actuais. Está a funcionar uma página web dos Partidos Comunistas (www.solidnet.org) que tem incorporado um sistema expedito de troca de informações entre eles. Também se publica o «Boletim de Informação», com material dos encontros dos Partidos Comunistas.

Apesar disso, estes passos na coordenação não podem alterar a questão principal: o movimento comunista continua organizativa e ideologicamente fragmentado. Vive uma situação de crise ideológica-política de longo prazo que coexiste com uma corrosiva acção da forte corrente oportunista e com as debilidades dos Partidos Comunistas que lutam na base do marxismo-leninismo. Nas condições de crise, com as novas exigências para o movimento

comunista aparecem também, sob o ponto de vista de classe, sinais de um novo retrocesso no enfrentar dos respectivos problemas.

44. Há Partidos Comunistas que em condições difíceis mantêm normalmente uma posição correcta, lutam contra a ideologia burguesa e o oportunismo, fazem esforços para trabalhar no movimento operário, ao mesmo tempo que defrontam sérias debilidades.

Os acontecimentos em Cuba têm impacto no Movimento Comunista Internacional. O PCG expressa firmemente a sua solidariedade com o Partido Comunista e com o povo de Cuba que luta pela abolição do bloqueio imposto pelos EUA há anos, contra a «Posição Comum» anti cubana da UE, e exige a libertação dos 5 cubanos patriotas presos e o seu regresso à Pátria.

O nosso Partido defende as conquistas da Revolução Cubana, que já demonstraram as vantagens do socialismo, conseguindo nas difíceis condições de agressividade imperialista solucionar os problemas fundamentais que continuam por resolver e atormentam a classe operária e de amplas camadas populares nos restantes países da América Latina e do Caribe.

O PCG, dentro dos princípios do internacionalismo proletário, desenvolve um diálogo criativo com o Partido Comunista de Cuba sobre as mudanças socioeconómicas promovidas nos últimos anos, expressa a sua preocupação pelas medidas aplicadas que aumentam a presença do capital e debilitam a propriedade socialista, as relações socialistas de produção.

Nos países que defendem que constroem o socialismo, o PCG analisa os acontecimentos tendo como critério as leis que regem a construção socialista, o poder operário, a socialização dos meios de produção, a planificação central, o controlo operário e social. Deste ponto de vista, o PCG expressa a sua preocupação pelo fortalecimento das relações capitalistas de produção no Vietname e a sua oposição ao «socialismo de mercado».

Na China actual o Partido Comunista da China dirige a via capitalista de desenvolvimento e desenvolve relações com a «Internacional Socialista». O caminho e em geral as posições sobre a «economia mista», previamente sustentada pela social-democracia, do «socialismo de mercado» exercem uma influência negativa no movimento comunista e é utilizado de muitas maneiras contra este.

Alguns Partidos Comunistas que se afastaram do marxismo-leninismo apresentam a China como um «modelo de desenvolvimento socialista».

45. O PCG, sem abandonar as actuais formas de cooperação e de coordenação entre os Partidos Comunistas, orienta os seus esforços para a consolidação entre os Partidos Comunistas de um polo comunista que defenda o marxismo-leninismo, a existência da

construção e da contribuição socialista, ao mesmo tempo que reconhecem os erros fundamentais que levaram à sua derrota, a necessidade da luta pelo derrube do capitalismo e a construção do socialismo.

Assim, foi criada – a partir de uma primeira discussão em Atenas em finais de 2007 e em Istambul em 2009 – no quadro de princípios comuns a «Revista Comunista Internacional» (RCI), onde actualmente participam onze revistas teóricas e políticas de Partidos Comunistas. O objectivo da RCI é discutir assuntos ideológicos e teóricos e contribuir para a formação de uma estratégia revolucionária unificada dos Partidos Comunistas, é tirar o Movimento Comunista Internacional da situação de crise ideológica, política e organizativa.

O PCG considera ser sua obrigação e dever desenvolver o debate ideológico e político também a nível internacional contra as forças oportunistas (PIE - «Redes» de Esquerda), as forças da social-democracia, as forças trotskistas, que têm impacte ideológico e político no Movimento Comunista Internacional.

46. Alguns assuntos cruciais que respeitam ao movimento comunista são:

- O carácter da revolução, a lógica das etapas. A participação de Partidos Comunistas em governos burgueses no terreno da sociedade capitalista. O Movimento Comunista Internacional e o oportunismo.

- O abandono do conceito leninista de imperialismo.
- Posição perante as uniões e os organismos inter-estatais imperialistas, a posição para com a Rússia, a China, etc..

- A atitude para com a social-democracia e o centro-esquerda. Atitude para com a possibilidade de utilizar todas as formas de luta para enfrentar com êxito a violência capitalista, a intervenção imperialista.

- Ilusões parlamentares e a renúncia à utilização da batalha das eleições.
- Atitude perante a crise capitalista.
- A questão do meio-ambiente separada da questão do tipo de propriedade e do poder.
- A falta de uma linha revolucionária no movimento operário.
- A errada concepção de que a luta nacional é antiquada.
- A posição perante o socialismo que conhecemos.
- A errada concepção sobre «modelos» de socialismo e o «socialismo do século XXI».
- O internacionalismo proletário.

Solidariedade Internacionalista

47. No período anterior o PCG desenvolveu importantes iniciativas para expressar a sua solidariedade com as grandes lutas operárias e populares que têm lugar em muitos países

contra as aspirações e a estratégia do capital, contra os planos imperialistas, as intervenções, em defesa dos direitos laborais e democráticos, contra o anticomunismo, contra as proibições e perseguições dos Partidos Comunistas e de outros lutadores, contra as perseguições sob o lema da inaceitável equiparação do comunismo com o fascismo.

O PCG expressa a sua solidariedade com a classe operária e os sectores populares da Venezuela na sua luta contra as intervenções e ameaças imperialistas.

Apoia a luta do povo palestino contra a ocupação israelense, pela solução da questão palestina. Por um Estado palestino soberano, viável e independente, nas fronteiras de 1967 e com Jerusalém Oriental como sua capital.

O PCG apoia a luta do povo cipriota por Chipre unificado e independente, por uma solução federal, com duas zonas e duas comunidades e uma só soberania e personalidade internacional, sem bases estrangeiras nem tropas, uma pátria comum para os greco-cipriotas e os turco-cipriotas, sem garantias ou protectores estrangeiros.

Uma conclusão geral do relatório da actividade do Partido

48. A conclusão geral é que apesar dos esforços e do avanço nas tarefas específicas estabelecidas pelo XVIII Congresso (reunificação e trabalho centrado na classe operária e no seu movimento, fortalecimento da actividade da Aliança Popular, agudização do debate ideológico, elaboração do segundo volume do Ensaio da História do PCG, trabalho ideológico e político sistemático para a compreensão e propagação das Teses do Partido sobre a construção do socialismo) PCG não cumpriu com os requisitos crescentes e complexos surgidos da correlação de forças, dos requisitos e dos perigos-possibilidades contidos nesta crise.

O problema básico na orientação política foi não nos dedicarmos, sobretudo nos últimos 10 anos isto é, desde antes do XVIII Congresso, com todas as forças que tínhamos na principal frente de luta, de que depende o progresso geral nos locais de trabalho e nos sectores. Isto é, no campo onde se joga primeiro que tudo o avanço da luta de classes, o desenvolvimento da consciência política e da combatividade, a educação comunista, o espírito de contribuição e auto-sacrifício. Naturalmente, houve dificuldades objectivas, novos problemas que surgiram com as reestruturações capitalistas e, posteriormente, com a crise. Não obstante, há um problema subjectivo: não foram combatidas as vacilações, as compreensões erradas que não entenderam a importância da redistribuição de forças.

O Comité Central pela sua posição e função, como órgão superior de direcção do Partido entre Congressos é o primeiro responsável.

Um segundo problema foi o facto de a confirmação de que a estratégia do Partido era correcta criou um espírito de complacência, de cima a baixo, e não foi acompanhado na necessária medida, pela aquisição de uma elevada capacidade de direcção que se exige para que o Partido desempenhe o papel de vanguarda e união das massas operárias e populares nas difíceis e complexas condições. A assimilação de importantes documentos colectivos e das elaborações do Partido, primeiramente das Conclusões sobre a construção do socialismo e do Ensaio da História do PCG, segundo volume (1949-1968), requiere um período mais longo que o tempo que mediou entre o XVIII e o XIX Congressos. Trata-se de um processo que requiere tempo para estudar e assimilar este tipo de documentos.

Não se alcançou a necessária capacidade quanto à orientação política que defronta dois perigos: por um lado, em nome da estratégia correcta subestimar aspectos da adaptação criativa e da especialização (e transmitir posições gerais com consignas), ou por outro lado, em nome da especialização fomentar uma atitude incoerente e selectiva na realização de tarefas complexas e diversificadas, dispersar actividades, culto do espontaneísmo, para o que se considera factível em nome dos factores objectivos que surgem da correlação de forças negativa. Em nome da generalização das avaliações e da experiência ignoram-se aspectos parciais mas importantes e problemas de organização, unidade e educação de classe das massas, tendo em conta a actividade multi-tentacular do inimigo.

Ainda que a redistribuição das forças e dos passos que se deram na Aliança Social tenham melhorado a orientação da acção do Partido, isto não se traduziu num plano unificado de acção planificada e controlada desde o Comité Central até à Organização de Base do Partido. Naturalmente, o plano unificado de acção não deve ser considerado como uma resolução do Comité Central que inclui todos os detalhes do plano, de maneira conjunta e invariável para cada uma ou para todas as organizações de base do Partido. O plano unificado deve contribuir para o desenvolvimento da capacidade de especialização segundo o sector, da capacidade de tomar iniciativas, de generalização da experiência das OBP, do enriquecimento e melhoria da planificação geral do Comité Central.

49. Um problema particular, como uma questão de orientação política, é a falta de trabalho sistemático para o amadurecimento dos quadros, tão necessário no período que estamos a atravessar, para que correspondam às exigências actuais, para que não reproduzam experiências e formas de trabalho que não correspondem à estratégia do Partido ou incluem experiência e modo de trabalho que estão antiquados. Não se conseguiu, na medida do necessário e apesar dos esforços feitos pelo elemento subjectivo, que o Partido actue entre as amplas massas operárias e populares, ideologicamente atoladas em opiniões burguesas e oportunistas que, devido á correlação de forças, tendem a cair na armadilha da inquietude pequeno-burguesa ou na passividade fatalista.

O Partido não conseguiu, e isto é um problema de direcção, ter capacidade de agir perante a entrada das massas populares nas lutas de forma espontânea e à capacidade do inimigo as assimilar através dos imensos meios de que dispõe. Não conseguiu, num nível satisfatório, ter capacidade para intervir de forma combativa e contundente nos terrenos em que se desenvolvem as actividades das forças que pretendem desorientar o movimento operário e isolar o PCG. Além disso também há o problema contrário, isto é perder o papel de vanguarda pela entrada em acção pela primeira vez de sectores da burguesia e da pequena burguesia que, repentinamente, perderam direitos e regalias e acodem às lutas apenas para salvar os seus lucros sectoriais e locais, que lhes foram concedidos para os subornar e assimilar.

50. Apesar das debilidades, das deficiências e dos atrasos que se manifestaram no Partido, e sem a menor intenção de os subestimar, a actividade do Partido no seu conjunto proporciona uma experiência positiva que é possível, na condição de se tirarem conclusões objectivas e os ensinamentos, sem nihilismos e com espírito de autocrítica, constituir um factor que leve à recuperação do Partido, ao seu fortalecimento, à conquista da capacidade e da resistência às lutas que se avizinham, para impedir que se venha a verificar um retrocesso de consequências trágicas para o povo, e que se venha a recorrer a todas as possibilidades existentes ou que vierem a surgir para aplinar o caminho para as mudanças radicais.

Ao mesmo tempo, há que ter seriamente em consideração a influência decisiva na actividade e na eficácia do Partido da correlação de forças negativa a nível internacional, e o facto de o movimento comunista e o movimento operário internacional terem tido um retrocesso devido à contra-revolução e à expansão generalizada do oportunismo nas suas fileiras. Alguns dos factores particularmente negativos são a situação do movimento operário na Europa, a corrosão criada pela participação de Partidos Comunistas em governos burgueses, a linha de assimilação que estes apoiam, a sua postura nihilista e com critérios burgueses, perante a construção do socialismo e da possibilidade da construção socialista.

Avaliação do trabalho do Comité Central

51. O Comité Central eleito no XVIII Congresso actuou de acordo com a Resolução Política e as Conclusões da construção socialista que são uma totalidade, una e inseparável. O Comité Central tinha de enfrentar novos problemas, os da dura crise económica capitalista prolongada, já que objectivamente se colocava a questão de qual a saída da crise favorável ao povo, ao mesmo tempo que se criaram condições para que a classe operária e o seu movimento ficassem entalados entre dois polos, isto é, a orientação social-democrata ou oportunista de gestão.

A tarefa principal e o critério de avaliação do trabalho do Comité Central é o trabalho de orientação política com o objectivo de:

- Acelerar a actividade para a reunificação do movimento operário e a elaboração de um quadro de acção conjunto para a Aliança Social. O tema central é o desenvolvimento da construção partidária nos locais de trabalho e nos sectores.
- Actividade ideológica política e de massas específica e combinada nos sectores industriais e sobretudo nos novos sectores que se estão a desenvolver na estrutura da economia capitalista grega, entre os jovens e as mulheres, tendo em conta as novas relações marxistas.

52. O Comité Central preparou e realizou uma Conferência Nacional do Partido sobre a reunificação do movimento operário, uma Sessão Plenária alargada do Comité Central sobre a construção do Partido. Elaborou as orientações e as medidas específicas para a intervenção do Partido no movimento operário e popular em condições de crise. Realizou a Conferência Nacional que aprovou o Ensaio da História do PCG, segundo volume (1949-1968). Organizou o debate no Partido e nas escolas do Partido sobre o Ensaio e a Resolução do XVIII Congresso, sobre as Conclusões da construção do Socialismo e a compreensão programática do PCG. Além disso, organizou debates e conferências em todas as organizações partidárias com o fim de informar os membros do Partido e facilitar a elaboração de assuntos de debate ideológico e político e de actividade.

53. O Comité Central como órgão superior de direcção, nos momentos mais difíceis deste percurso de quatro anos como nas últimas batalhas eleitorais, apesar das deficiências e debilidades parciais, respondeu ao principal: resistiu à pressão exercida sobre o Partido para o fazer sucumbir e cometer o erro fundamental de participar num governo de coligação.

No entanto, parece que algumas questões são característica permanente do nosso trabalho ideológico e político como é a questão de revelar o carácter e o funcionamento do parlamento burguês, com base na nossa experiência.

54. O Comité Central contribuiu para melhorar, em comparação com o passado, a direcção das OBP, com base num programa conjunto de acção, contribuição e participação nas lutas operárias e populares, no trabalho ideológico e político, na actividade política independente. Popularizou a estratégia do Partido entre as amplas massas populares, enriquecendo-a com os desenvolvimentos da crise e da luta de classes, dos acontecimentos internacionais, sobretudo na zona euro, para que a estratégia do Partido responda à experiência operária e popular.

Os resultados da orientação política e da responsabilidade do Comité Central não correspondem aos esforços feitos e, sobretudo, às exigências actuais e à complexidade dos desenvolvimentos objectivos.

O Comité Central não executou com eficácia a orientação das Organizações, logo das OBP, sobre a sua obrigação principal, isto é o modo e as formas de trabalho, o conteúdo e sobretudo as medidas organizativas a nível das OBP para encontrar um caminho mais estável e eficaz para o esforço de reunificar o movimento operário e construir organizações partidárias orientadas especialmente para pessoas mais jovens. Houve algum progresso: adoptaram-se algumas medidas para a redistribuição e concentração de forças, desenvolveu-se alguma actividade partidária intensa e independente nas fileiras do movimento. No entanto, estas tarefas foram cumpridas num grau muito baixo.

Confirmou-se que não basta que o Comité Central desempenhe um papel positivo como órgão de direcção superior na elaboração de posições, em questões de luta ideológica e na estratégia em geral do Partido. É necessário uma maior estabilidade quanto ao objectivo principal de reunificar o movimento operário, a organização partidária nos locais de trabalho e nos sectores, no desenvolvimento constante da capacidade de direcção, na elaboração de um plano geral de acção integrada que incorpore as directrizes e as decisões. Este plano devia permitir aos órgãos de direcção das Organizações regionais especializar e orientar as OBP para o cumprimento dos requisitos estabelecidos no seu âmbito de responsabilidade, incorporando as suas actividades no quadro geral de actividade, enriquecendo-o com a experiência do trabalho prático diário.

Trata-se de um problema de direcção política, de educação, de ideologia e de prática política, de forma a que cada quadro e membro do Partido, na prática, surja e se destaque como vanguarda em termos de combatividade, de abnegação, de auto-sacrifício, de conhecimento. O Comité Central não conseguiu desenvolver as ligações com as gerações mais jovens, sobretudo nos locais de trabalho, nos novos sectores, com os jovens que estão no processo de educação e com os jovens desempregados. Melhorou a assistência e a apoio à JCG, mas continua a ser muito débil a nível das OBP e OB.

55. O Comité Central tomou algumas medidas para reforçar os comités auxiliares e as secções, mas não conseguiu completar este esforço em todos estes órgãos auxiliares. Nalguns casos não conseguiu prestar-lhes um apoio importante para o cumprimento dos novos requisitos.

A Revista Comunista, o Rizospastis, os meios de comunicação do Partido e os organismos auxiliares do Comité Central, em geral melhoraram o seu rendimento, contribuíram para a elaboração de posições, de questões de objectivos de luta e de luta ideológica e política. Melhorou a cooperação entre as secções para o tratamento de questões mais complicadas, problemas em curso no desenvolvimento da Aliança Social. Houve um particular atraso, da responsabilidade do Comité Central, em todos os meios e formas de propaganda. Também se

verificou um atraso na utilização da internet, tendo sido tratada como um meio ideológico do inimigo de classe e do faccionismo. A

criação do portal [<http://902.gr>] em substituição do canal de televisão «902», cujo encerramento foi imposto por razões financeiras, pode contribuir para uma melhor informação e propaganda e das propostas do PCG, sobretudo entre os mais jovens.

Melhorou o trabalho editorial do partido. A JCG também fez um esforço positivo e houve um relativo progresso quanto à circulação do livro político que, no entanto, continua muito baixa, tendo em conta as necessidades e o seu interesse, independentemente da crise económica dificultar as compras.

Nestes quatro anos melhorou-se o trabalho do Comité Central com a ajuda das suas secções, sobretudo com a realização de importantes conferências científicas sobre a obra de Yiannis Ritsos e Kostas Várnalis, ao mesmo tempo que se prepara uma conferência semelhante sobre a obra de Bertolt Brecht. Organizou-se um seminário sobre a crise económica internacional, elaboraram-se temas que iluminam o carácter da crise e da gestão burguesa, sobre a manifestação desigual da crise na zona euro, com artigos na KOMET e a realização de outros eventos. Houve uma melhoria geral do conteúdo político e cultural do Festival da JCG. Além disso deu-se um grande passo em frente no sector de Desportos e Educação Física com a tomada de posições e o apoio a iniciativas da JCG neste campo. No entanto, ainda temos um longo caminho a percorrer em matérias de Cultura e Desporto.

56. A Comissão Política e o Secretariado têm uma especial responsabilidade no trabalho colectivo do Comité Central, no atraso da orientação decisiva da actividade do Partido com vista à reunificação do movimento operário, da organização partidária, no trabalho de preparação e promoção de quadros para o fortalecimento dos organismos auxiliares do Partido.

As finanças do Partido

A atitude firme do PCG durante o período anterior provocou a fúria dos centros de decisão económica e política, que intensificaram os ataques caluniosos e as provocações precisamente á volta das finanças do Partido. O objectivo é criar confusão e dúvidas sobre a integridade do PCG, fortalecer a ideia de que o PCG não é diferente dos restantes partidos. O ataque sobre as finanças do Partido e o anticomunismo em geral prevaleceram durante todos estes anos.

Estamos á espera que utilizem o financiamento estatal como mais uma forma de pressão para que entremos em compromissos e concessões. Em nome da transparência, da luta contra o suborno e da compra de políticos estão a considerar adoptar a medida de financiamento exclusivo dos partidos pelo Estado. Trata-se de uma medida que se inclui no quadro geral das

disposições reaccionárias que se promovem dentro da UE com o objectivo de manipular e controlar o funcionamento dos partidos. O PCG não aceitará nenhum tipo de controlo nas suas relações com os seus militantes e amigos, nenhuma intervenção no funcionamento e na actividade ou na direcção da sua política.

Para um partido operário e revolucionário, o financiamento estatal não pode ser a fonte principal das suas receitas. A questão da independência financeira do PCG é um assunto crucial. Tem a ver com a capacidade do partido de seguir em frente, mesmo nas condições mais difíceis.

Desde a sua fundação, o PCG sofreu perseguições durante muitos anos e é absolutamente razoável estar atento, principalmente nas condições actuais de agudização da luta de classes.

Nos anos decorridos desde o XVIII Congresso enfrentámos graves dificuldades financeiras, sobretudo quanto à propaganda, o que levou a «Tipekdotiki» (tipografia do Partido) a entrar na regulamentação do art.º 99 da Lei das Falências e o canal 902 a interromper a sua actividade.

As novas condições exigem uma melhor organização e controlo da actividade económica das Organizações a fim de recolher as cotas de todos os membros do Partido, as contribuições de amigos e simpatizantes. É necessária mais persistência e determinação para pôr em ordem as finanças, reduzir os custos de operações flexíveis, controlar e regular substancialmente as receitas das organizações.

O aumento da circulação do «Rizopastis» [N.do T. órgão central do PCG], da Revista Comunista e dos livros de «Sincroni Epochi», além da sua grande importância ideológica e política, contribui essencialmente para a melhoria das finanças do Partido.

Passamos um período muito difícil para a classe operária e o povo do nosso país. Trata-se de um período em que se intensificou a ofensiva contra os direitos e as conquistas laborais ao mesmo tempo que a agudização da crise económica capitalista se está a converter numa torrente que asfixia as camadas populares.

No entanto, a experiência demonstrou que nestas condições se criam novas oportunidades para que mais trabalhadores apoiem o Partido com as suas escassas possibilidades, normalmente com quantias mais pequenas que antes.

O apoio financeiro ao PCG, desde há 94 anos, é um tipo de relação política entre os trabalhadores e o Partido. É um elemento que mostra o desenvolvimento e a consolidação dos laços de cada OBP com os militantes e amigos do Partido. Perante o ataque do inimigo de

classe devemos mostrar a nossa preparação, capacidade e suficiência dos meios económicos para uma actividade diversificada, política, ideológica e editorial que proporcionará uma resposta eficaz. Estamos certos que o Partido no seu conjunto vai cumprir nas exigências actuais.

As tarefas básicas do Partido até ao XX Congresso

A única saída a favor do povo

58. A irregular manifestação da crise na zona euro/UE e a possibilidade de a crise surgir sincronizada nos EUA-UE-Japão, em combinação com a profundidade da crise na Grécia e a dificuldade da política burguesa em a gerir, mostram que a crise continuará em 2013 e reforçam a previsão que nos próximos 3 anos não se verificará qualquer aumento do PIB para o nível anterior a 2008. A insuficiente depreciação de capitais durante a crise, a perda da posição competitiva da produção industrial grega, a perda da flexibilidade fiscal e a intensificação da concorrência em toda a região (Balcãs, Mediterrâneo Oriental) agudizam as contradições da política burguesa. Intensifica-se a reflexão sobre se a permanência na zona euro continua a servir eficazmente o interesse burguês estratégico da reprodução ampliada do capital social. Tudo isto conjugado, destaca principalmente duas possibilidades: a opção de uma nova depreciação interna com um novo «recorte» da dívida pública e a possibilidade do Estado suspender descontroladamente os pagamentos, articulada com a saída forçada do euro. Em ambos os casos intensifica-se o processo de centralização do capital acumulado nos mais poderosos e num menor número de grandes grupos monopolistas.

Neste campo continuará a luta inter-burguesa sobre a escolha de uma gestão expansiva ou restritiva, bem como sobre as prioridades dentro das alianças imperialistas. Ao mesmo tempo agudizam-se as contradições na zona euro e na Grécia, reforçam-se as forças burguesas que dão prioridade ao eixo atlântico de influência geopolítica (EUA, Israel, Grã-Bretanha), em comparação com a Alemanha e a França. Reforça-se a luta nos centros imperialistas e nos grupos monopolistas sobre uma nova partilha e o controlo dos mercados e da infra-estrutura, sobretudo no sector dos transportes (portos, aeroportos, etc.), energia, telecomunicações, sector bancário. A Rússia e a China também estão a mostrar interesse em relação a estes sectores.

Estas contradições não invalidam o acordo na direcção da política burguesa de utilizar a crise profunda como ponto de partida para acelerar e ampliar as reestruturações, para aumentar o grau de exploração, acelerar a centralização do capital, a destruição de pequenos empresários e camponeses pobres, para ampliar empresas capitalistas. A escalada da ofensiva antipopular é ditada pela necessidade estratégica de os monopólios protegerem a sua competitividade e gerir a crise à custa das camadas populares.

Estas contradições serão acompanhadas pelo aumento do empobrecimento relativo e absoluto, e pela manutenção de uma elevada taxa de desemprego, da proletarização, do empobrecimento dos trabalhadores autónomos e dos pequenos proprietários nas zonas urbanas e rurais. Objectivamente, aumenta a dificuldade da burguesia em construir sólidas alianças sociais, ao mesmo tempo que se criam as condições para a promoção da construção da aliança social da classe operária sobre uma base mais sólida e com uma melhor orientação. O desenvolvimento da crise económica capitalista com a perspectiva de uma maior deterioração da vida dos sectores populares e operários, e a possibilidade de uma recuperação lenta terão indubitavelmente impacto no desenvolvimento da luta de classes na Grécia. Naturalmente, isto não será um processo linear, haverá fases de ascenso e de recuo da luta de classes.

59. Neste quadro continuarão os esforços e as tentativas mais sistemáticas de reforma do sistema político na Grécia. Segundo dados actuais que indicam estar o PASOK num processo de desintegração, a principal tendência perceptível é basear a reforma em dois polos políticos: um será o centro-direita tendo no seu eixo a ND que perdeu força não apenas eleitoral mas também com as cisões, e o outro será o do centro-esquerda com o SYRIZA como núcleo principal. A burguesia do país ajusta as suas decisões tendo em conta qual força política qual o governo que pode controlar o movimento operário e popular para evitar o crescimento da luta de classes, assegurar que a falência, seja ela controlada ou incontrolada, conduzirá a uma saída do euro com as menores reacções possíveis.

Os dois polos, o do centro-direita que tem o seu núcleo na ND e o do centro-esquerda à volta do SYRIZA é para a burguesia uma possibilidade relativamente realista, possivelmente com um carácter transitório já que há movimentações para a criação de novos partidos com o objectivo de confundir a consciência operária e popular.

Hoje, o SYRIZA está a transformar-se na social-democracia contemporânea, mais conservadora que a social-democracia posterior à ditadura. No SYRIZA procuram e encontram a sua expressão política sectores da burocracia operária e governamental, sectores das camadas médias que gozavam de impunidade como aliados da burguesia e dos seus partidos, com benefícios, evasão de impostos, participação na gestão dos fundos da União Europeia. A sua particularidade é que se compõe de forças oportunistas que romperam com o movimento comunista, mantêm algumas consignas, métodos e formas de trabalho para se apresentarem como um partido de esquerda que agrupa nas suas fileiras desde social-democratas do «3 de Setembro» (declaração fundacional do PASOK) até aos «comunistas renovadores». A sua estratégia sobre a questão do poder, a União Europeia é claramente social-democrata, favorável aos monopólios. Se o SYRIZA vier a substituir a social-democracia derrotada, é possível que algumas forças centrífugas e extraparlamentares venham a constituir um novo obstáculo à chamada renovação da esquerda ou comunista. A burguesia tudo fará para travar

o crescimento da luta de classes e do PCG. Deseja conseguir o que falhou em 1989-1991: dissolver ou marginalizar o PCG ou convertê-lo numa componente da social-democracia contemporânea, para impedir o desenvolvimento da luta de classes.

60. O movimento operário deve estar preparado para poder utilizar o crescimento da luta de classes, aproveitar-se das condições de uma importante alteração na correlação de forças. O movimento operário deve estar também preparado para a possibilidade de um desenvolvimento negativo, a possibilidade de um retrocesso da luta de classes e de um revés, para que possa nas novas condições preparar-se para o novo crescimento que se verificará num prazo razoável.

O movimento operário e os seus aliados têm de estar prontos e com capacidade de acção para enfrentar a crescente violência e repressão estatal, paraestatal e patronal, a actividade do novo sindicalismo favorável ao governo que o SYRIZA vai tentar formar. Além disso, terão de fazer frente à actividade das forças reaccionárias, das tendências nacional-socialistas e fascistas nas fileiras do movimento, com o objectivo de o exterminar, impedir o crescimento da luta de classes.

As contradições inter-imperialistas na região aumentam os perigos de conflitos militares locais que terão um carácter geral, já que nela está a ter lugar um conflito entre os centros imperialistas e as potências imperialistas em condições de crises sucessivas que afectam o núcleo duro da pirâmide imperialista. Esta situação, nas condições actuais com a participação da Grécia na NATO e na EU, provoca a agudização dos antagonismos imperialistas na região que não podem resolver-se por meios não militares. Isto implica a ruptura das alianças, alterações e reordenamentos sérios, inclusive mesmo algumas tendências centrífugas não apenas no quadro da UE mas também na NATO, uma reformação geral das alianças.

É possível que uma parte dos representantes da burguesia grega tentem participar ao lado de uma potência imperialista forte, inclusive, dependendo das condições, converter uma guerra defensiva numa guerra de agressão. Se a Grécia for atacada por um país vizinho ou outro país da região ou se atacar, dentro de uma aliança ou não, o Partido deve dirigir a organização independente da resistência operária e popular e ligar a resistência com a luta pela derrota completa da burguesia como um invasor, seja ela nacional ou estrangeira. O Partido deve tomar a iniciativa e dirigir a construção da frente operário-popular em todas as formas de acção sob a consigna: o povo dará a liberdade e a saída do sistema capitalista que, enquanto existir, traz a guerra e a «paz» com uma pistola apontada à cabeça do povo.

A base objectiva da aliança das forças populares com a classe operária

61. A Aliança Popular expressa os interesses da classe operária, dos semiproletários, dos trabalhadores autónomos e dos camponeses pobres na luta contra os monopólios e a propriedade capitalista, contra a incorporação do país nas uniões imperialistas. A sua luta dirige-se para a conquista do poder operário e popular. Para o PCG o novo poder coincide com o poder operário, o poder socialista, que o socialismo científico definiu como a ditadura do proletariado, o oposto da ditadura da burguesia, do Estado burguês.

A força da Aliança Social radica no papel dirigente da classe operária, e na participação dos jovens e das mulheres que pertencem a estas forças sociais, no esforço consciente do movimento operário formar juntamente com os seus aliados um quadro e uma direcção de acção comum. Além disso, a sua força encontra-se no papel de vanguarda do PCG que está interessado em reforçar, consolidar e fortalecer a Aliança Popular e em preservar o carácter e a direcção da sua luta.

Os camponeses pobres, os trabalhadores autónomos no comércio e no artesanato, no sector da restauração e turismo, na construção civil, nos serviços de limpeza, nos serviços de beleza, etc., os que nalguns períodos trabalham durante 10-12 horas diárias juntamente com outros membros da sua família, apesar de serem proprietários de terra ou de outros meios de produção dispersos, têm interesse na abolição da propriedade capitalista e no derrube do seu poder.

O capitalismo contemporâneo são os monopólios industriais e comerciais, os bancos, a imposição de impostos pelo Estado que no seu conjunto tira uma grande parte da produção maioria dos trabalhadores autónomos, esmagando as suas receitas. É o sistema capitalista que, tarde ou cedo, acabará com a sua propriedade, destruí-los-á enquanto produtores e trabalhadores autónomos, arrastá-los-á para o desemprego ou, no melhor dos casos, no subemprego. Inclusive, se mantiverem o seu posto de trabalho durante mais algum tempo, as suas condições de vida deteriorar-se-ão, aumentarão as horas de trabalho, degradar-se-ão as condições de reforma, de educação dos filhos, de prevenção e reabilitação da saúde, da cultura e desporto, de ócio, degradar-se-á a qualidade de vida em geral, deles e das suas famílias.

A prolongada e profunda crise trouxe uma alteração repentina, inclusive nos sectores em que o trabalho autónomo sobrevivia com melhores condições, nas profissões relacionadas com as construções e as reparações.

Para os trabalhadores científicos autónomos a perspectiva é idêntica, ainda que tenham melhores receitas e sobretudo menos restrições que os assalariados. Ficarão mais subordinados às grandes empresas capitalistas que se estendem às profissões jurídicas, contabilísticas, técnicas em todas as profissões que têm a ver com a prevenção e a reabilitação

da saúde, da maternidade, da saúde e da segurança nos locais de trabalho, na Saúde Pública, na Cultura e nos Desportos.

Objectivamente, o seu interesse a longo prazo encontra-se no caminho do confronto e do derrube dos monopólios, da propriedade capitalista ao lado da classe operária na conquista do poder.

A única via para a defesa dos seus interesses é a luta comum com os trabalhadores assalariados, a sua dissociação das organizações que defendem os interesses capitalistas, tendo como frontispício a «organização científica unificada». O seu interesse é o Estado operário que lhe proporcionará todas as condições para levar a cabo o seu trabalho científico a favor da prosperidade social.

O único caminho é a organização dos sectores mais avançados camponeses e dos trabalhadores autónomos pobres dos centros urbanos separarem-se dos capitalistas, pôr termo às rivalidades e às guerras inter-imperialistas nos mercados de matérias-primas e nas rotas de transporte de energia e de outros recursos naturais, etc.. O único caminho para os sectores mais avançados dos trabalhadores autónomos é a coordenação das suas lutas com as lutas da classe operária contra os monopólios, contra as alianças inter-imperialistas (UE, NATO, SCHENGEN, etc.), contra os partidos burgueses e os seus governos, enfim contra o Estado dos capitalistas.

O único caminho é continuar com o modo de produção capitalista, o que implica a destruição violenta da maior parte deles ou então passar para o desenvolvimento baseado na propriedade social (popular), a planificação central a favor da propriedade social. Este desenvolvimento exige a ruptura e o derrube do domínio económico e do poder político dos monopólios, e total desmantelamento da UE, da NATO de toda a união imperialista, a abolição de todas as bases estrangeiras. A classe operária tem interesse em ganhar estes sectores para si, para o poder operário e popular ou, pelo menos, assegurar que não se colocarão ao lado da classe reaccionária dos capitalistas. Por isso, pode e deve expressar no seu programa revolucionário as suas necessidades por um nível de vida decente, sobretudo a sua gradual e planificada incorporação na produção socialista e nos serviços socialistas.

O carácter da Aliança Social

62. A Aliança Popular responde à pergunta premente: como vamos organizar a luta pela rejeição das bárbaras medidas antipopulares e de classe? Como vamos organizar o contra-ataque com o objectivo de alcançar algumas conquistas? Qual é o caminho da luta e da ruptura pelo derrube dos monopólios? A Aliança Popular tem uma clara orientação antimonopolista e

anticapitalista – dado que o capitalismo contemporâneo é monopolista –, promove a ruptura com as uniões imperialistas, opõe-se à guerra imperialista e a participar nela.

A Aliança Popular está de acordo com a posição do PCG quanto à reunificação das forças sociais antimonopolistas, anticapitalistas, na luta que levará ao poder operário e popular. É uma reunificação que expressa e serve os interesses da classe operária e dos seus aliados sociais. A Aliança Popular dirige a sua luta contra os monopólios, as uniões imperialistas, os mecanismos de repressão. Desenvolve-se na base da actividade comum das forças sociais para as questões imediatas. Cada grupo social, para além dos compromissos comuns tem os seus próprios deveres.

63. A Aliança Popular reúne as suas forças em cada cidade centrando-se nos grupos monopolistas, nas fábricas, nos centros comerciais, nos hospitais, nos centros de saúde, nas centrais de energia eléctrica, nas telecomunicações, nos meios de transporte público, etc.. Garante a acção comum destas forças na base do sector, e em geral entre os desempregados, camponeses autónomos e outros trabalhadores que nas cidades lutam por chegar ao fim do mês. Desenvolve-se como um processo de criação da consciência política e da organização.

Nestas condições organiza-se e coordena-se a resistência, a solidariedade, a sobrevivência, defende as receitas dos trabalhadores e do povo: salários e convenções colectivas de trabalho, pensões, direitos da classe operária e do povo, preços a que os produtores vendem os seus produtos agrícolas, protecção dos camponeses, dos trabalhadores autónomos, dos desempregados, da habitação social, da especulação dos bancos e dos impostos. Defende o direito à educação gratuita, à assistência sanitária e ao bem-estar, aos produtos de consumo baratos e de alta qualidade, infra-estruturas para a cultura e os desportos. Luta contra as drogas, pela emancipação e a igualdade da mulher, para a protecção dos desempregados, o transporte, o alojamento, a alimentação dos jovens e estudantes, as necessidades imediatas dos casais jovens, pela prevenção da adição de drogas e o alcoolismo. Reclama medidas de protecção contra os terramotos e as inundações, obras públicas de infra-estruturas que melhorem as condições de vida, a intervenção equilibrada das pessoas no meio-ambiente. Destaca o potencial de desenvolvimento do país do ponto de vista da existência de matérias-primas, da concentração de meios de produção, das habilitações da força de trabalho, das conquistas científicas e tecnológicas.

A Aliança Popular luta contra a repressão estatal, a violência exercida pelo patronato, defende as liberdades sindicais e políticas, etc.. A luta pela saída da crise a favor do povo está indissolivelmente ligada à retirada e ao cancelamento unilateral da dívida sem afectar os fundos da segurança social, dos hospitais públicos, etc., na ruptura com a União Europeia e o FMI. Na luta pelo derrube dos monopólios.

Adopta a socialização dos monopólios, de todos os meios de produção concentrados, a planificação central, o controlo operário e popular. Está de acordo com a retirada da Grécia da União Europeia e da NATO, de todo o tipo de relação com uniões imperialistas. O seu objectivo é eliminar as bases estrangeiras, abolir a presenças das forças militares estrangeiras, abolir a presença das forças militares e policiais estrangeiras na Grécia sob qualquer pretexto.

Os conceitos de democracia, soberania popular, imperialismo, guerra imperialista têm um conteúdo de classe mais profundo para a Aliança Popular. Baseiam-se na abolição da exploração de classe na socialização dos meios de produção concentrados em ligação com a organização dos pequenos agricultores em cooperativas. Baseiam-se na participação na assembleia dos Trabalhadores, no Comité Popular, etc..

64. A Aliança Popular pretende e consegue atrair para as suas fileiras novas organizações sindicais e de massas da classe operária e dos seus aliados, o que debilita de forma eficaz e constante a base de desenvolvimento da correlação de forças, a nível social e político, das forças sindicais burguesas e oportunistas que predominam nos organismos sindicais superiores, nas Federações e Centrais Laborais. A força e a eficácia da actividade da Aliança Popular na alteração da correlação de forças e no seu derrube, na capacidade de enfrentar o duro inimigo de classe e os seus apoios internacionais dependem também do nível de organização e participação operária e popular desde baixo, nos locais de trabalho e nos sectores, nos bairros operários, nos distritos povoados por camponeses e sectores populares.

Ao longo do desenvolvimento da sua actividade reunirá forças operárias e populares com pouca experiência política que, sob este ou aquele ponto de vista estão sob influência ideológica e política dos partidos burgueses, do reformismo e do oportunismo. Estes sectores vacilam quanto à realidade e à necessidade da luta pelo poder operário como o único poder alternativo face ao poder dos monopólios.

A actividade da Aliança Popular contribui para o esforço activo de fortalecimento da vida interna dos sindicatos e das organizações de massas, para a atracção de mais operários às assembleias dos sindicatos, das organizações de trabalhadores autónomos, de camponeses de jovens e estudantes, das organizações de mulheres que constituem a base da Aliança a fim de participarem na organização das mobilizações, na tomada de decisões, nos processos eleitorais de representantes de baixo para cima, nas diversas actividades que abarcam toda a espécie de problemas. Trata-se de actividades através das quais se superarão os medos, as dúvidas e as vacilações, se formarão ainda mais lutadores no caminho da luta de classes, da aliança popular para a solução do problema do poder.

Com critérios adequados a Aliança Popular coordena a sua acção a nível regional e internacional com organizações operárias e populares de orientação antimonopolista.

O PCG e a Aliança Popular

65. Um factor fundamental que determina o papel e a eficácia do Partido no movimento operário, na luta de classes é a organização partidária, sobretudo na indústria, a capacidade e reunir nas actuais condições as massas operárias e populares na direcção anticapitalista e antimonopolista, na luta pelo poder, na luta contra a guerra imperialista e a paz do império. Uma das tarefas do Partido é a previsão da evolução da correlação de forças com o objectivo de o movimento operário, sobretudo e portanto a Aliança Popular, não perder de vista o objectivo do poder, que não se envolvam com o governo no quadro do capitalismo.

A luta pela solução do problema do poder exige reforços contínuos estáveis para a análise científica da situação económica e política do país, da região e a nível internacional. Exige uma actividade científica planificada. Portanto, o Partido pode e deve garantir de forma independente as condições de investigação científica de orientação de classe.

A capacidade do Partido Comunista é determinada pela oportunidade e a vontade de combater o oportunismo, que surge em novas formações políticas, amiúde como cisões das antigas formações, restaurando consignas comunistas (por exemplo declaração de apoio ao marxismo-leninismo, reconhecimento da revolução socialista, do papel dirigente da classe operária no progresso social...) assim como a recuperação da estratégia das etapas.

O papel dirigente do PCG como vanguarda política revolucionária e o papel dirigente da classe operária serão alcançados e reconhecidos na prática, não dependem de acordos políticos, não estão garantidos pelo reconhecimento oficial do seu papel de vanguarda pela Aliança Popular.

O PCG, com a sua actividade internacional e a cooperação com outros Partidos Comunistas, apoia e contribui para a internacionalização da actividade da Aliança Popular.

66. Hoje, a Aliança Popular tem uma forma com a actividade da PAME, PASEVE, PASY, MAS e OGE [1]; não se trata de uma aliança de partidos políticos. O PCG participa nos seus órgãos e fileiras através dos seus quadros e militantes, através dos membros da sua Juventude, a JCG, eleitos para os respectivos órgãos e participam nas organizações da classe operária, dos trabalhadores autónomos, dos camponeses pobres, nas organizações de estudantes, de jovens e mulheres. O Partido procura integrar quadros capazes nas fileiras do movimento para garantir, no interior do movimento, o carácter da Aliança, a sua capacidade de crescer e estabelecer ligações com novas forças da classe operária e dos sectores populares.

No decurso da luta política é possível o aparecimento de forças políticas que expressam posições de camadas pequeno-burguesas, mas que estão de acordo, de uma ou outra forma,

com o carácter anticapitalista, antimonopolista da luta sociopolítica, com a necessidade de que esta luta se dirija para o poder e a economia operária e popular. O PCG, mantendo a sua independência desenvolverá a sua acção com estas forças, apoiando a Aliança Popular. A cooperação expressa-se através da integração dos seus membros e simpatizantes nas fileiras das organizações de massas que formam a Aliança ou nos seus órgãos para os quais forem eleitos. Esta cooperação não se faz com outros partidos membros num órgão único da Aliança, com uma forma organizativa e estrutura. Objectivamente, uma organização assim teria vida curta; entraria em conflito com a independência do PCG, não contribuiria para o desenvolvimento do movimento operário e dos seus aliados.

67. Em capitalismo monopolista surgem partidos políticos oportunistas e grupos diversos (cisões directas do Partido Comunista ou com origem em cisões mais antigas ou da formação de novos grupos e partidos de referência comunista) que se distinguem do PCG por diversas razões, sobretudo pelo problema político principal, reforma ou revolução. O PCG não pode ter nenhuma espécie de cooperação com estas forças políticas, nem nos períodos de concentração de forças nem num período de situação revolucionária. Isto é correcto, independentemente das manobras das forças oportunistas durante o crescimento do movimento, adoptando consignas que parecem estar a favor do povo, mas que se opõem á luta pelo poder operário. A sua proposta política sobre a questão do poder enquadra-se na gestão do sistema capitalista, de uma ou de outra forma escolhem uma etapa entre o poder burguês e o operário. Naturalmente, é possível que as massas populares que reúnem os oportunistas poderão participar nas fileiras do movimento de massas ou mesmo nas fileiras do movimento revolucionário numa repentina agudização da luta de classes, numa situação revolucionária, que sempre atraem amplas massas populares. Em cada fase da luta o PCG deve desenvolver uma intensa luta ideológica visto que o oportunismo é a força da capitulação com o sistema político burguês e a burguesia; é uma força que socava o desenvolvimento da consciência na direcção revolucionária.

O PCG também mantém a sua independência nas eleições burguesas, mas é possível que nas suas listas participem pessoas que cooperam com o Partido. A Aliança Popular, como aliança dos sectores politizados mais radicais do movimento operário e sindical e dos seus aliados, as organizações juvenis e de mulheres, actua como aliança nas fileiras do movimento com o objectivo de alcançar a mais ampla mobilização possível de novas massas. Não participa em eleições nacionais e locais nem em eleições para o Parlamento Europeu nem em referendos.

68. O Comité Central propõe que o XIX Congresso aprove as seguintes acções:

1. Sessão plenária do Comité Central a fim de examinar as Resoluções da Conferência Nacional de Março de 2010 e da sessão plenária alargada de Junho de 2010 sobre o nosso trabalho no movimento e na organização partidária.
2. Realização de uma Conferência Nacional sobre o trabalho com os jovens e o apoio à JCG.
3. Elaboração de um estudo sobre os trabalhadores autónomos nas cidades. Realização de uma Conferência Nacional sobre o trabalho do Partido com os trabalhadores autónomos pobres e o seu movimento.
4. Que se melhore o sistema de educação e propaganda com todos os meios que o Partido tem à sua disposição e que actualmente utiliza.
5. Continuação da investigação histórica do Partido no período 1968-1974, nova edição do Ensaio sobre a História do Partido no período 1918-1949. Tentar iniciar a investigação histórica sobre o período 1974-1991.
6. Elaboração imediata da programação das comemorações pelo Partido do centésimo aniversário da sua fundação.
7. Melhorar o Rizospastis e aumentar a sua difusão. Aumentar a circulação da Revista Comunista (KOMEF), dos livros teóricos e políticos com o objectivo de desenvolver uma espécie de «movimento» educativo no Partido e na JCG, bem como num amplo círculo de amigos e simpatizantes. O novo Comité Central deve elaborar um novo programa concreto.
8. Formação de uma infra-estrutura humana e material-técnica de apoio à actividade do Partido no sector da cultura e dos desportos, no movimento contra a adição de drogas, para a realização de eventos durante todo o ano e no Festival da JCG.
9. Criação junto da JCG de uma infra-estrutura humana e material-técnica para apoiar a actividade do Partido no sector da cultura e dos desportos, no movimento contra a adição de drogas, para a realização de eventos durante todo o ano e no Festival da JCG.

Prioridades do PCG a nível internacional

69. As acções para a reunificação do Movimento Comunista Internacional devem ser diversas e multifacetadas:

- a) Continuação dos esforços para estabelecer o polo comunista, aproveitando os passos que estão a ser dados com a «Revista Comunista Internacional».
- b) Participação nos Encontros internacionais temáticos e regionais dos Partidos Comunistas, defendendo a preservação das características comunistas dos Encontros Internacionais contra os planos de alargamento às denominadas forças da esquerda.
- c) Intervenção independente ideológica e política do nosso Partido para a difusão das suas posições, elaborações, documentação científica.
- d) Desenvolvimento das relações bilaterais bem como a acção conjunta com os Partidos Comunistas da nossa região (Balcãs, Médio Oriente, Europa) e com os Partidos Comunistas de outras regiões.

e) Fortalecimento da actividade internacional da JCG para o reagrupamento das Juventudes Comunistas e a actividade conjunta, a intensificação da luta contra concepções burguesas e oportunistas que afectam as fileiras do movimento comunista e anti-imperialista juvenil.

f) Mobilização e actividade para a condenação das intervenções imperialistas, da guerra imperialista e dos pactos imperialistas para a «paz». Contribuição para o fortalecimento e a ampliação da Federação Sindical Mundial (FSM) com novas organizações sindicais de classe, enfrentar a corrente reformista, o sindicalismo pró-patronato e pró-governamental a nível mundial. Apoio às organizações anti-imperialistas internacionais, ao Conselho Mundial da Paz (CMP), da Federação Mundial das Juventudes Democráticas (FMJD), da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM).

O Comité Central do Partido Comunista da Grécia

Nota do tradutor:

[1] PAME (Frente Militante de Todos os Trabalhadores) - PASEVE (Coligação Pan-helénica Antitrust de Comerciantes e Artesãos) - PASY (Coligação Militante de Todos os Agricultores) - MAS (Frente Militante dos Estudantes) - OGE (Federação das Mulheres da Grécia)